UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A PERSONALIDADE E A VINCULAÇÃO ENQUANTO FACTORES INFLUENTES NA VIOLÊNCIA NO NAMORO – ESTUDO COM JOVENS ADULTOS

Tânia Pedroso (e-mail: taniapedroso89@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação do Doutor José Tomás da Silva

A Personalidade e a Vinculação enquanto factores influentes na violência no namoro – um estudo com jovens adultos

Esta investigação teve como objectivo analisar a influência da Personalidade e da Vinculação nos comportamentos abusivos nas relações de namoro. O estudo incluiu uma amostra de 314 jovens de ambos os sexos, a sua maioria estudantes do ensino superior. Os resultados apontam, ao nível da Personalidade, a Conscienciosidade o traço com maior influência na Perpetração de violência, existindo uma relação negativa entre ambos construtos. Quanto à Vinculação, verificou-se que padrões vinculativos mais seguros estavam associados a valores inferiores de Perpetração e de Vitimização nas relações. Os resultados revelam ainda que assistir a violência na infância aumenta a probabilidade de Perpetração ou Vitimização nas relações em fase adulta. Verificámos ainda que a Personalidade e a Vinculação representam um modelo explicativo heurístico para a Perpetração de violência no namoro.

Palavras-chave: Violência no namoro, Jovens adultos, Vinculação, Perosnalidade; Violência na Infância

Personality and Attachment as influent factors in dating violence – a study with young adults

This investigation aimed to analyze the influence of Personality and Attachment in abusive behaviors in dating relationships. In the present study we used a sample of 314 young subjects from both genders, most of them college students. Results showed that, concerning Personality, Conscientiousness was the trait more importantly correlated (negatively) with Perpetration. In relation to Attachment, we found that more secure attachment patterns were associated to lower values of Perpetration and Victimization in relationships. The results also point out that watching violence in childhood increases the probability of Perpetration or Victimization in relationships among adults. Finally, our analyses also established that Personality and Attachment constructs were useful predictors on an explanatory model of Perpetration.

Key Words: Dating violence; Young adults; Attachment; Personality; Childhood violence

Agradecimentos

Várias são as pessoas a quem tenho de agradecer pelo percurso percorrido na construção desta Tese.

Ao Dr. José Tomás, por se ter mostrado como uma influência constante no caminho que era suposto eu traçar.

À minha mãe e ao Faria, por me terem permitido acrescentar esta mais-valia ao meu currículo profissional.

A todos aqueles, dos quais muitas vezes me ausentei, mas que estiveram de alguma forma presentes na minha vida, o Wesley, o Hugo, a Diana, as Sandras, a Daniela, o Celso, a Joana, o Rodrigo, o Sousa, a Nono, a Mariana, o Travassos, a Alex, o Célio, o Pepas, a Catarina, a minha afilhada, a Cláudia, a Rafaela, o Eduardo, o Diogo Marques, o João, o Gonçalo e tantos outros que, independentemente do tempo de estadia na minha vida, me ajudaram a ser a pessoa que sou.

Ao Tim, pelo amigo fantástico que foi ao longo destes anos, e por me ter ajudado, independentemente da distância.

Aos Escuteiros, pela construção de carácter que me ajudaram a realizar e por me permitirem adicionar uma bagagem tão grande e tão importante ao meu mundo profissional.

E por último, mas, de todo, não menos importante, o meu gigantesco agradecimento ao Pedro e à Carla, dois amores tão distintos mas tão grandiosos na minha vida. Pelo apoio incondicional, por assumirem papéis de compreensão e amor sem fronteiras que a vós, muitas vezes, não vos competia. Por estarem nos dias bons e nos dias maus, e por me ouvirem e fazerem sorrir quando ninguém parecia capaz de o fazer. Mas principalmente e acima de tudo, por estarem quando mais ninguém esteve. A vocês o meu obrigado sincero e sentido, com toda a noção que sem vós não teria sido capaz.

Índice

I – Enquandramento Conceptual 1
Violência no Namoro 1
Vinculação e Violência nas Relações Amorosas 6
Personalidade e Violência nas Relações Amorosas 11

II – Objectivos 15

III – Metodologia 16
Recolha da Amostra 16
Caracterização da Amostra 17
Materiais Utilizados 19
1.Questionário Sociodemográfico 19
2.Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.) 19
3.International Personality Item Pool (IPIP) 20
4.Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA-r) 20
Procedimento 21
Análise Estatística 22

IV - Resultados
1.1 Prevalência dos comportamentos abusivos nas relações actuais dos inquiridos 22
1.2 Prevalência dos comportamentos abusivos nas relações anteriores dos inquiridos 23
1.3 Análise da distribuição dos sujeitos pelas diferentes categorias de papéis na relação 23
2. Análise da variação dos valores dos cinco grandes traços da personalidade e vinculação para as condições perpetrador, vítima, perpetrador e vítima e nem perpetrador nem vítima 24
3. Análise da variação, ao nível do género, de valores de comportamentos abusivos, personalidade e vinculação 30
4. Análise da relação entre o número de relações e a tendência para comportamentos abusivos 32
5. Análise da relação entre os cinco grandes factores da personalidade, as subescalas e escala total da vinculação, a perpetração e a vitimização 32
6. Análise das diferenças para os sexos relativamente a serem vítimas de violência na infância e assistirem a violência entre as figuras cuidadoras 33
7. Análise das diferenças das médias entre Assistir a Violência entre as Figuras Cuidadoras na Infância e Vitimização, Perpetração, Personalidade e Vinculação 34
8. Análise das diferenças das médias entre Vitimização, Perpetração, Personalidade e Vinculação e ser Vítima de Maus Tratos por parte das Figuras Cuidadoras na Infância 36

9. A personalidade e a vinculação enquanto constructos explicativos da variância dos comportamentos abusivos nas relações íntimas. 38

V - Discussão 39

VI - Conclusões 44

Bibliografia 45
Anexos 53

Introdução

Este estudo foca-se na problemática da violência nas relações íntimas em jovens adultos, considerando a influência da Personalidade e da Vinculação sobre ela exercida. A relevância de ambas as variáveis para este estudo prende-se com o facto de estas serem consideradas como as "bases" que são activadas quando a relação da parelha está sob *stress* (Tweed & Dutton, 1998) o que, desde logo, revela a importância das mesmas para o tipo de acontecimentos que se processam numa relação, e a relevância em última análise, do seu estudo.

Decidimos fazer este estudo focando os jovens adultos, por ser nesta fase da vida que as relações românticas tomam maior ênfase nas vivências destes indivíduos, sendo também nesta altura que testam qual o tipo de parceiro que mais os preenche e que pode vir a tornar-se num parceiro a longo prazo (Arnett, 2000; Furman & Buhrmester, 1992; Meeus, Branje, van der Valk & de Wied, 2007, citado por Halpern-Meeking, Manning, Giordano & Longmore, 2013).

Assim, pretendemos verificar, entre dois parceiros, até que ponto a Personalidade e a Vinculação funcionam como impulsionadoras ou moderadoras dos comportamentos abusivos numa relação de namoro.

Iremos por isso analisar neste trabalho qual o padrão vinculativo e traços de personalidade mais associados à ausência ou presença de comportamentos abusivos, bem como ainda o papel que a vivência da violência parental vivida na infância pode ter na perpetração de violência durante o namoro.

I – Enquadramento conceptual

Violência no Namoro

Podemos encontrar nas relações interpessoais uma quantidade infinita de factores influentes que podem revelar-se como promotores ou inibidores da manutenção das mesmas. Entre estes factores estão, desde logo, a capacidade para lidar com conflitos, a qual é, entre outros aspectos, mediada pelas capacidades comunicacionais de cada parceiro e a existência ou não de uma tendência para comportamentos violentos, regulada entre outros factores, pela capacidade de controlo/impulsividade do indivíduo.

De facto, a literatura mostra que os casais com melhores capacidades comunicacionais serão mais capazes de utilizar métodos de negociação positivos para lidar com os conflitos (e.g. Freedman, Low, Markman & Stanley, 2002; Markman, Halford & Cordova, 1997 citados por Halpern-Meeking, Manning, Giordano & Longmore 2013).

Porém, quando o casal não tem as competências necessárias para a resolução do conflito, associado ao desgaste que o relacionamento irá inevitavelmente sofrer, há uma grande probabilidade que este evolua até

condutas violentas. Uma fraca competência ao nível das capacidades comunicacionais, associado a outros factores discutidos adiante, está associada a um aumento significativo nos níveis de agressão masculina uma vez que, havendo pouca capacidade argumentativa, a agressão pode parecer a única forma efectiva de terminar a discussão (Babcock, Waltz, Jacobson & Gottman, 1993).

Revela-se assim urgente sinalizar as relações de namoro nas quais há comportamentos abusivos, uma vez que estas podem representar o início daquilo que podem vir a ser anos de envolvimento numa relação demarcada por sucessivos abusos e episódios reiterados de violência. É necessário ter em conta que vários estudos (e.g., Kataz, Kuffel & Coblentz, 2002; Marcus & Sweet, 2002; Morse, 1995 citados por Marcus, 2012) já mostraram que a violência íntima tem maior probabilidade de ocorrer de forma recorrente, em vez de se poder considerar um fenómeno singular, e a ser estável em casais que se mantêm juntos (Capaldi & Owen, 2001; Lawrence & Bradbury, 2007; O'Leary et al., 1989 citados por Marcus, 2012).

Tendo em conta que nem todas as relações, felizmente, têm episódios de violência entre os membros do casal, importa estudar quais os factores que potenciam os episódios violentos. Antes de mais, é necessário lembrar que cada relação é formada por dois indivíduos, sendo que cada um contribui para esta interacção consoante as suas características pessoais. Revela-se assim essencial uma análise tanto do papel do homem como da mulher dentro da relação (considerando que nos referimos aqui a relações heterossexuais).

É possível notar na literatura, uma tendência na análise das relações abusivas, que atribui ao homem o papel de agressor e à mulher o papel de vítima. Embora haja muitos autores a apoiar esta ideologia, a maioria das investigações nacionais e internacionais desenvolvidas nesta área revelam que a violência entre companheiros amorosos se caracteriza maioritariamente por trocas mútuas de agressões (e.g., Magdol et al., 1997; Lewis & Fremouw, 2002; Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004 citados por Caridade & Machado, 2006). Neste sentido, Capaldi et al. (2004) defendem que é necessário ultrapassar o foco primário de ver os homens enquanto agressores e as mulheres enquanto vítimas e passar, alternativamente, a ver a violência nas relações enquanto um processo diádico, com a focalização nos dois elementos. Isto não sugere que a vitimização entre géneros não é importante para compreender o uso da violência por parte das mulheres; mas é importante, todavia, reconhecer variações nas experiências das mulheres e ver as suas acções no contexto mais amplo da sua vida e desenvolvimento, em vez de definir estritamente o seu comportamento (Herrera, Wiersma & Cleveland, 2008).

Todavia, Saunders (2002) argumenta que os estudos, com níveis similares de violência por parte dos dois sexos, ignoram a génese dos mesmos, os seus motivos e consequências, defendendo igualmente que, os comportamentos violentos das mulheres quando existentes, são maioritariamente executados em auto-defesa (Caridade & Machado, 2006).

A realidade é que no estudo de Capaldi et al. (2007) a observação da interacção dos casais revela que homens e mulheres parecem mutuar a

agressão física iniciada pelos seus parceiros em taxas iguais (Herrera, Wiersma & Cleveland, 2008). Este facto não invalida que haja diferenças significativas nos factores influentes e na forma como cada género se comporta num momento de violência íntima. A prevalência da taxa de violência das mulheres reflecte formas menores de violência, enquanto a maioria das formas severas de violência continuam a ser cometidas pelos homens; também se sabe que as vítimas femininas de relações violentas têm lesões mais severas e ameaçadoras à sua vida do que as vítimas masculinas (Archer, 2000; Cantos et. al., 1994; Dobash et al., 1992; Makepeace, 1981; Morse, 1995 citados por Herrera, Wiersma & Cleveland, 2008).

Porém, os resultados obtidos relativamente às diferenças de género não são tão lineares quanto pode parecer à primeira vista, uma vez que as mulheres têm significativamente maior tendência para usar a violência física, se a medida analisada forem actos específicos, mas os homens pontuam significativamente mais elevado que as mulheres, se a análise se basear nas consequências físicas da agressão (Archer, 2000).

Além das características acima já mencionadas, os agressores são ainda influenciados pelo tipo de parceiro que os acompanha. Os resultados obtidos no estudo de Herrera, Wiersma e Cleveland (2008) sugerem que as condutas das jovens agressivas, envolvidas com um parceiro igualmente agressivo, eram reforçadas, amplificando assim a sua probabilidade de cometer actos de violência para com o parceiro. Este reforço não se verificava e até diminuía as tendências violentas das jovens, quando estas se envolviam com um parceiro não violento. No que toca aos homens, não se verificaram diferenças significativas em ter parceira violenta ou não, porém verificou-se que as suas tendências agressivas eram atenuadas quando tinham uma parceira agressiva.

Confirma-se neste estudo (Herrera et al., 2008) que os jovens adultos agressivos têm maior probabilidade não só de se comportarem agressivamente para com o seu parceiro, mas também maior probabilidade de encontrar violência nas mãos dos seus parceiros.

Considerando que estamos aqui a analisar relações íntimas, faz sentido que se analise, primeiramente, a génese onde estas são aprendidas, ou seja, tendo em conta o padrão relacional que se aprende na família de origem. O padrão de vinculação vivido na infância tem mostrado estar fortemente relacionado com a forma como se vivem as relações amorosas uns anos mais tarde. Efectivamente, verificou-se que diferentes padrões de vinculação acarretam diferentes crenças não só acerca do desenvolvimento das relações amorosas bem como ainda a respeito da disponibilidade e confiança atribuídas ao parceiro e a sua consideração acerca deste merecer ser amado ou não (Hazan & Shaver, 1987). No estudo realizado por Buck, Emmelkamp, Leenaars e Marle (2012), estes autores descobriram que tanto a ansiedade de separação, como a desconfiança e a auto-estima são factores influenciados pela vinculação e possíveis instigadores de comportamentos violentos. Os resultados deste estudo indicaram, por exemplo, que, antes de mais, os agressores masculinos têm, com maior frequência, um padrão de vinculação mais inseguro do que os não agressores. Além disso, os agressores com um padrão de vinculação inseguro apresentam níveis mais elevados de ansiedade

de separação, significando assim que ficam perturbados com a ausência do seu parceiro.

Esta relação remete-nos para o conceito de dependência, onde os agressores com vinculação insegura também obtiveram valores mais elevados, ao contrário dos agressores com um padrão de vinculação segura. Estudos mostraram que agressores que evidenciam dependência excessiva nas suas relações interpessoais tendem a utilizar a violência e comportamentos controladores para ter proximidade física (e.g., Murphey, Meyer & O'Leary, 1994 citados por Buck et al., 2012). Os agressores com vinculação insegura também obtiveram valores mais elevados ao nível da desconfiança. Segundo Couch & Jones (1997) e Rempel et al. (1985) (citados por Buck et al., 2012), indivíduos que confiam nos seus parceiros tendem a relatar mais amor pelo seu parceiro e mais satisfação e compromisso para com a sua relação. Este padrão relacional é mais característico de pessoas com vinculação segura (Mikulincer & Shaver, 2010 citados por Buck et al., 2012).

Indivíduos inseguros apresentaram ainda valores mais baixos de auto-estima e valores mais elevados de impulsividade quando comparados com indivíduos mais seguros. Relativamente à auto-estima, Mikulincer & Shaver (2010, citados por Buck et al., 2012) defendem que a auto-estima de pessoas com um padrão de vinculação inseguro está dependente da aprovação dos outros, pelo que a menor indicação de desaprovação, criticismo ou desinteresse pode reforçar a sua baixa auto-estima. A relevância da auto-estima para a compreensão do fenómeno em estudo, prende-se com o facto de esta poder mediar as experiências e percepções das relações íntimas destes sujeitos (Longmore & DeMaris, 1997 citados por Halpern-Meeking, Manning, Giordano & Longmore 2013), condicionando desta forma o envolvimento ou não em comportamentos violentos (Baumeister, Smart & Boden, 1996 citados por Halpern-Meeking, Manning, Giordano & Longmore 2013).

Este envolvimento prende-se igualmente com os níveis de impulsividade, ou de baixo controlo que cada sujeito possui. No estudo de Buck et al. (2012), os agressores com um padrão de vinculação inseguro relataram níveis mais elevados de impulsividade do que as outras condições presentes. Os sujeitos impulsivos parecem ainda ter grande tendência para vivenciar emoções negativas, como a depressão, a ansiedade e a raiva, sendo que os seus ataques impulsivos funcionarão deste modo como uma ferramenta para libertar as tensões, maioritariamente dirigidas, por norma, ao paceiro (Tweed & Dutton, 1998). Ainda no estudo de Marcus (2012), parceiros envolvidos em relações violentas eram semelhantes entre si em níveis de impulsividade e, simultaneamente, tinham níveis de impulsividade mais elevados do que aqueles que se encontravam em relações não-violentas. Este dado sublinha, mais uma vez a hipotética influência de níveis elevados de impulsividade na ocorrência de comportamentos abusivos nas relações.

Os níveis de impulsividade que temos vindo a examinar apontam para uma outra temática bastante relevante na probabilidade de ocorrência de violência entre um casal: a personalidade. Na verdade, um número vasto de estudos tem mostrado que determinados traços estão associados com a

tendência para práticas violentas nas relações. Homens que têm maior tendência para práticas violentas nas relações íntimas são híper-masculinos (Mosher & Anderson, 1986) e têm uma maior necessidade de poder e domínio (Malamuth, 1986). Estes indivíduos do sexo masculino, em geral, apresentam igualmente traços que têm sido associados com personalidade psicopata, tal como a impulsividade (Lisak & Roth, 1988), agressividade (Petty & Dawson, 1989) e manipulação (Hersh & Gray-Little, 1998) (estudos citados por Long & Voller, 2010).

Relativamente à necessidade de domínio verificou-se, no estudo de Mauricio e Gormly (2001), que homens que demonstraram uma elevada necessidade de domínio reportaram maiores frequências de uso de violência física (Buck et al., 2012). Esta relação pode ser explicada ao considerar-se o facto de estes sujeitos usarem a violência como forma de repor ou manter o seu nível de domínio na relação, e a usarem sempre que sentem essa posição ameaçada (Rouse, 2001 citado por Higgins & Snell, 2002; Babcock, Waltz, Jacobson & Gottman, 1993; Schwartz, Waldo & Daniel, 2005). Forma-se assim uma relação bem sucedida entre o uso de violência e o reposicionamento dos parceiros ao nível de dominância/submissão, a qual vai incentivar o parceiro agressivo a manter este padrão comportamental, perpetuando-o ao longo do relacionamento. Por outro lado, por forma a não terem a sua posição ameaçada, homens com esta necessidade têm maior tendência a escolher para suas parceiras mulheres que sejam submissas e que assumam papéis tradicionalistas, ou seja, mulheres que não são muito independentes nem têm grandes aspirações ao nível da carreira profissional (McAdams, 1984). Esta conclusão é suportada pelo estudo de Rogers, Bidwell e Wilson (2005), no qual se verificou que os homens eram menos abusivos quando tinham parceiras que tinham um baixo nível de poder na relação e estavam satisfeitas com esse *status*. Porém, a sua condição abusiva atingia o nível mais elevado quando estes sujeitos tinham um nível elevado de poder e estavam satisfeitos com essa posição e as suas parceiras tinham um nível baixo de poder, mas estavam descontentes com esse mesmo nível. Este estudo revela ainda que a satisfação com o poder na relação pode prever o abuso em relações de namoro, sendo os sujeitos que estão mais descontentes com o seu nível de poder os que têm maior probabilidade de ser agressores físicos ou psicológicos.

A agressividade é ainda outro factor com elevada relevância para esta temática. Ao realizarem o seu estudo, Bettencourt et al. (2006) verificaram que, sob provocação, os sujeitos que tinham reacções mais intensas eram aqueles que tinham o traço de "raiva" mais evidenciado, personalidade tipo A (hostilidade tensa ou elevado N, baixo A), susceptibilidade emocional, narcisismo e impulsividade (Egan, 2008). A agressão mediada pela raiva, ou agressão hostil, é aquela que se pode encontrar nas relações violentas. Este tipo de agressão é impulsiva, não planeada e mediada pela raiva. Ocorre, por norma, enquanto reacção a um evento provocatório e tem como objectivo magoar o despoletador da mesma provocação, no contexto em estudo, o parceiro romântico (Anderson & Bushman, 2002).

Ainda de acordo com Wexler (1999), a violência íntima entre parceiros

é devida à falha de empatia, sendo que esta se caracteriza pela "capacidade de adoptar o ponto de vista dos outros e preocupar-se com os seus direitos e sentimentos" (Fonseca, 1993, pp. 177). Assim, sem esta, ou mais genericamente sem a inteligência emocional, a raiva pode facilmente tornar-se em violência (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994; Winters, Clift & Dutton, 2004 citados por Buck et el., 2012). A empatia pode ter ainda outro papel neste processo, designadamente inibindo a agressão, ou seja, ajudando a regular a raiva e, dessa forma, inibindo a violência (Buck et al., 2012).

Embora sejam temáticas tão distintas, a personalidade e a vinculação podem, no entanto, combinar-se para dar uma perspectiva mais precisa e completa da violência no namoro, tornando, desta forma, possível a realização de uma análise mais pormenorizada e informada para a delineação de formas distintas de intervenção psicossociais.

Vinculação e Violência nas Relações Amorosas

Admitindo que as relações, sejam elas amorosas ou não, são representações do carácter social, característico do ser humano, é importante fazer, neste estudo, como dissemos anteriormente, uma análise das relações sociais primordiais, isto é, aquelas que são feitas com a figura cuidadora.

Há uma abundante literatura sobre o constructo da vinculação, pelo que de seguida apenas faremos uma breve análise dos elementos mais directamente relevantes para os nossos objectivos.

A vinculação é a ligação emocional criada entre a figura cuidadora e o bebé e é a partir desta que o bebé cria expectativas para outras relações e objectos do seu mundo. Tendo em conta a sua função adaptativa, a relação deve ser vivida entre um equilíbrio de confiança, representativa de uma vinculação segura, em que o bebé sente que as suas necessidades serão asseguradas pela figura vinculativa, o que lhe permitirá estabelecer relações íntimas; e desconfiança, que permite ao bebé que se proteja. Se o nível de desconfiança for demasiado elevado, revelando assim uma vinculação insegura, o bebé terá uma visão negativa do mundo e, consequentemente, dificuldade em confiar e estabelecer relações com os outros (Feldman, Olds & Papalia, 2001).

Assim, face ao que dissemos acima, a relação de vinculação é construída através de uma interacção entre a figura cuidadora e o bebé, feita de acções e reacções. Os diferentes tipos de vinculação retratarão, deste modo, diferentes representações cognitivas das relações (uma vez que é a partir da interacção com a figura cuidadora que o bebé cria um modelo relacional) e, por conseguinte, diferentes expectativas e comportamentos face às mesmas.

Mas se diferentes relações vinculativas têm tão grande relevância nas capacidades relacionais, é importante então que se faça uma distinção entre elas. Segundo Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) existem três tipos de vinculação, designadamente vinculação segura, vinculação insegura ambivalente (ou ansiosa) e vinculação insegura evitante.

A vinculação segura é a mais equilibrada, o sujeito sente que pode explorar o mundo que o rodeia, mas que, em caso de necessidade, pode sempre

voltar a recorrer ao cuidador, pois este está incondicionalmente disponível para ele. Este padrão de vinculação, além de ser o que mais incentiva a exploração do mundo, como já referido, é também o que mais estimula a capacidade de desenvolver relações e de compreender as intenções dos outros. Já a vinculação insegura ambivalente é caracterizada por um padrão irregular de respostas de cuidado por parte da figura vinculativa, que impossibilita ao sujeito a criação de expectativas. Consequentemente, o sujeito pode "tentar comportamentos díspares de aproximação ou sobredimensionar as manifestações de ansiedade" (Machado, 2007 pp. 6). Por fim, a vinculação insegura evitante é caracterizada por uma indisponibilidade constante da figura vinculativa aquando a necessidade da mesma por parte do sujeito. Deste modo, este possivelmente, enquanto comportamento adaptativo e devido à "ausência" da figura de vinculação, negará a necessidade da mesma (Machado, 2007).

As expectativas relativas aos outros que as crianças criam na infância (tendo como exemplo a relação vivenciada com a figura de vinculação), são levadas até à fase adulta, sendo que, ao longo deste percurso, vão sendo reforçadas ou contrariadas pelas relações vividas com os pares (Machado, 2007). Tendo em conta que o processo vinculativo consiste não só na manutenção das relações, mas também na activação de comportamentos que as protejam quando estas se encontram em risco (e tendo em conta a temática aqui tratada), é necessária uma análise às diferentes acções desencadeadas para prevenir ou proteger as relações aquando o conflito, considerando os diferentes tipos de vinculação.

O conflito pode funcionar como um revelador do tipo de vinculação vivenciada uma vez que actua como um stressor, activando o sistema de vinculação (Simpson, Rholes & Phillips, 1996), que operará no sentido de preservar a relação. Quanto maior for o perigo de ruptura percebido, mais intensas serão as acções desencadeadas para o evitar (Bowlby, 1980, citado por Barrett, Greenwood & Pietromonaco, 2004). A ameaça percepcionada, criada pelo conflito, irá variar de intensidade consoante o padrão de vinculação vivenciado. Sujeitos com um padrão de vinculação seguro esperarão do companheiro compreensão e disponibilidade, pelo que estarão mais aptos a negociar e a comunicar, sem o receio constante que este parta ou não os oiça (Simpson, Rholes & Phillips, 1996). Esta capacidade deve-se ao facto de que adultos que vivenciaram um padrão vinculativo seguro, tiveram oportunidade, enquanto crianças, de fazer um "maior investimento cognitivo em novas explorações", investindo igualmente na capacidade de "resolução de problemas ou conflitos sociais (e.g., entre pares), uma vez que se trata de crianças que aprenderam estratégias adaptativas de negociação" (Machado & Figueiredo, 2010 pp. 29). Assim, estes indivíduos comportar-se-ão de forma mais construtiva durante o conflito, o que facilitará o desenvolvimento da intimidade entre os dois. Neste sentido, verificou-se que indivíduos seguros, além de se considerarem parceiros capazes, têm ainda tendência a utilizar técnicas activas de resolução de conflitos (Teeruthroy & Bhowon, 2012), sendo capazes de aceitar a apoiar o seu parceiro, apesar das suas falhas (Hazan & Shaver, 1987). Estes vêm as suas relações amorosas mais significativas

como sendo felizes, amigáveis e de confiança (Hazan & Shaver, 1987). Desta forma, pode dizer-se que numa relação em que pelo menos um dos parceiros é seguro, haverá maior capacidade de lidar com o conflito do que numa outra em que ambos os parceiros são inseguros (Barrett, Greenwood & Pietromonaco, 2004). Além disso, um padrão de vinculação seguro está associado a uma menor atribuição de emoções negativas relativamente ao parceiro (e.g., raiva, tristeza, ansiedade), as quais são potenciadoras de conflito (Feeney, 1999), e a maior satisfação na relação (McCarthy, Boettcher, Lieberman, Russell & Mosbacher, 2012; Hazan & Shaver, 1987).

Por outro lado, sabe-se que o padrão de vinculação insegura é o que está mais associado a comportamentos abusivos nas relações (Holtzworth-Munroe, Stuart & Hutchinson, 1997). Indivíduos com este padrão têm tendência a confiar menos nas suas parceiras, a demonstrar níveis mais elevados de ciúme (Holtzworth-Munroe, Stuart & Hutchinson, 1997) e a demonstrar menos vezes empatia e afeição durante o conflito, usando, neste contexto, estratégias menos construtivas e ingressando muitas vezes em ataques de vários tipos (Mikulincer & Shaver, 2007). Estes indivíduos guardam muitas vezes raiva e ressentimentos das falhas das figuras de vinculação na sua infância, as quais podem rapidamente ressurgir num relacionamento na fase adulta (Simpson & Rholes, 1998). Além disto, é possível que, replicando o padrão aprendido na relação insegura vivida com a mãe, homens com um padrão de vinculação inseguro tenham tendência de considerar que, igualmente, a sua parceira se encontra indisponível em momentos de necessidade (Kesner, Julian & McKenry, 1997). Este tipo de preocupação é mais típica dos sujeitos com vinculação insegura ambivalente que, com o receio do abandono em mente, expressarão, aquando o conflito, emoções intensas e elevada atenção prestada às suas necessidades, o que provocará a negligência da informação transmitida pelo parceiro (Barrett, Greenwood & Pietromonaco, 2004). Este é um padrão de vinculação que parece ser caracterizado tanto pela expressão aberta de proximidade como agressividade (Mayseless, 1991), sendo que estes sujeitos são caracterizados pelo seu envolvimento quase obsessivo nas relações amorosas, o desejo pela reciprocidade e união, labilidade emocional ("altos e baixos" emocionais), extrema atracção sexual e ciúme e constante insatisfação para com o seu parceiro (Hazan & Shaver, 1987; Morris, 1981 citado por Mayseless, 1991). Os sujeitos com este padrão vinculativo, parecem, durante o conflito, sentir elevados níveis de ansiedade e stress, reagindo de forma menos positiva para com o seu parceiro e revelando maior raiva e hostilidade para com o mesmo. No momento posterior ao conflito, como sugerem Simpson, Rholes e Phillips (1996), estes têm ainda tendência a relatar sentimentos menos positivos relativamente ao parceiro e à relação (e.g. níveis de amor e compromisso, respeito mútuo, abertura e apoio). Estes indivíduos podem ainda assumir uma posição submissa perante as exigências do parceiro para evitar a rejeição por parte do mesmo ou tentar dominar o conflito, de modo a que o parceiro ceda às suas exigências, tendo assim as suas necessidades satisfeitas (Mikulincer & Shaver, 2007). Esta tentativa de domínio características destes indivíduos pode representar uma explicação para as conclusões de Rogers, Bidwell e

Wilson (2005), no qual sujeitos com baixo nível de poder na relação e com um padrão de vinculação inseguro eram significativamente mais agressivos do que os sujeitos com um padrão de vinculação seguro para a mesma condição. Ter o controlo da relação, neste contexto, significaria assim ter o controlo do parceiro e impedi-lo de partir. Indivíduos com este padrão vinculativo terão tendência para escolher como parceiros indivíduos que tenham vinculação segura ou vinculação insegura ambivalente, uma vez que partilham o desejo pela intimidade (Holmes & Johnson, 2009).

Para os sujeitos com vinculação insegura evitante, considerando que o conflito representa para eles uma ameaça à sua independência e autoconfiança, por lhes exigir comportamentos relacionados com a proximidade emocional (e.g., revelar pensamentos e sentimentos), a reacção destes perante o conflito será minimizar ou retirar significado ao mesmo (Kobak & Duemmler, 1994, citados por Barrett, Greenwood & Pietromonaco, 2004). Deste modo conseguem evitar interagir de forma emocionalmente próxima e intensa com o parceiro e distanciar-se cognitiva e emocionalmente do conflito (Mikulincer & Shaver, 2007; Teeruthroy & Bhowon, 2012). São igualmente caracterizados, além do seu medo da intimidade, pela labilidade emocional e sentimentos de ciúmes (Hazan & Shaver, 1987). Por estes motivos, homens com este padrão de vinculação demonstram, no momento do conflito, ser menos calorosos e dar menos apoio às suas parceiras, sendo igualmente as suas discussões classificadas como tendo menor qualidade (Simpson, Rholes & Phillips, 1996). Além disso, estes sujeitos são os que parecem ter menor tendência a mostrar níveis de preocupação com a sua relação, mais uma evidência da sua tentativa de manter o sistema vinculativo desactivado (Teeruthroy & Bhowon, 2012). Sujeitos com este padrão de vinculação têm assim tendência para procurar parceiros com um padrão vinculativo seguro ou inseguro evitante, uma vez que partilham de desejos de autonomia semelhantes (Holmes & Johnson, 2009).

Ainda ao nível da temática relacional analisada de acordo com o padrão vinculativo vivenciado, existe mais um campo necessário de estudo: a raiva. Também a vivência da raiva e o controlo da mesma, são dois pontos que irão variar consoante o padrão de vinculação vivido na infância. A pertinência do estudo da raiva nesta problemática, prende-se com o facto de esta representar, quando funcional, uma forma de proteger e manter uma relação na qual o parceiro se começa a mostrar indisponível ou a tentar sair da relação. Neste sentido, e percebida como uma tentativa de aproximação, a raiva pode resultar efectivamente em maior intimidade e segurança na relação (Mayseless, 1991). No entanto, segundo Bowlby (1998) quando vivida de uma forma disfuncional, a raiva pode tornar-se tão intensa que em vez de ser uma forma de centrar a atenção da figura vinculativa sobre si, pode passar a ser usada como forma de magoar e de se vingar do parceiro. Este autor compreende, deste modo, a violência relacional (originada pela raiva) como um comportamento inicialmente "funcional", mas levado ao extremo, interpretando, por exemplo, os comportamentos coercivos utilizados nas relações como formas de controlar o comportamento do parceiro (Mikulincer

& Shaver, 2007; Mayseless, 1991).

Porém é, de facto, possível experienciar a raiva de forma saudável, o que é característico dos indivíduos seguros. Por exemplo, Mikulincer (1998) descobriu que, quando confrontados com eventos despoletadores da raiva, pessoas seguras mantinham expectativas optimistas acerca do comportamento subsequente do seu parceiro (e.g. "ele ou ela irá aceitar-me") e faziam avaliações bem diferenciadas e realistas das intenções do seu parceiro. Estes sujeitos parecem ser mais capazes de se relacionar emocional e cognitivamente com os outros e resolver conflitos de forma mais construtiva (Mayseless, 1991). Somente quando havia indicações claras, providenciadas pelo experimentador, que um parceiro realmente tinha agido com intenção hostil, é que a pessoa segura atribuía hostilidade ao parceiro e reagia com raiva. Além disso, os relatos das pessoas seguras de eventos causadores de raiva, eram caracterizados pelos objectivos construtivos de reparação da relação, ingressando numa resolução adaptativa do problema e experienciando afecto positivo no período temporário pós discórdia. Barrett e Holmes (2001) também descobriram que maior segurança nas relações com os parceiros românticos ou com os pais está associado com respostas construtivas pró sociais e menos agressivas a hipotéticas provocações originadoras de raiva (Mikulincer & Shaver, 2007).

Para sujeitos com vinculação insegura evitante é de extrema importância estar no controlo e ter poder nas suas relações interpessoais. Normalmente, estes são adultos capazes de controlar e reprimir a sua ansiedade, medo de abandono e raiva, que transportam consigo das interacções com as suas figuras vinculativas (Mayseless, 1991). Porém, esta supressão das emoções nem sempre é bem-sucedida, uma vez que a raiva pode ainda ser expressa de forma inconsciente ou não intencional, ou tomar a forma de hostilidade ou ódio pelo parceiro, de outra forma inexplicável (Mikulincer & Shaver, 2007). Assim, num momento de ameaça (como a ameaça de abandono por parte do parceiro), estas emoções podem parar de ser reprimidas, havendo uma activação do sistema de vinculação, neste caso disfuncional, que culminará num episódio de violência (Mayseless, 1991). Eles também relataram usar estratégias de distanciamento para lidar com eventos provocadores de raiva (Teeruthroy & Bhowon, 2012), sendo que uma tentativa mais "forçada" de aproximação por parte do parceiro pode apresentar-se como mais um factor originador de comportamentos abusivos (Mayseless, 1991). Da mesma forma, no estudo de Rholes, Simpson e Oriña (1999), sujeitos evitantes demonstraram níveis mais elevados de raiva em momentos de *stress*, sendo também eles aqueles que tiveram níveis mais intensos de raiva permutada entre os parceiros.

Existem igualmente indícios que pessoas evitantes são mais hostis e agressivas do que as seguras (e.g., Calamari & Pini, 2003; Magai, Hunziker, Mesias, & Culver, 2000; Mikulincer, 1998 b; Troisi & D'Argenio, 2004; Zimmermann, 2004, citados por Mikulincer & Shaver, 2007) e atribuíram hostilidade aos parceiros mesmo quando havia claras indicações (providenciadas pelo experimentador) da intensão não hostil do mesmo (Mikulincer & Shaver, 2007). Esta tendência foi igualmente observada por

Dodge (2006) que observou uma tendência para indivíduos altamente agressivos julgarem o comportamento neutro dos outros como hostil e agressivo, quando não o é (Marcus, 2012).

Por fim, mas não menos importante, nos indivíduos ansiosamente vinculados, a intensificação das emoções negativas e ruminação nas ameaças e desconsiderações por parte destes, pode levar a intensos e prolongados ataques de raiva. No entanto o seu medo de separação e desejo desesperado pelo amor dos outros pode fazer com que eles guardem o seu ressentimento e raiva e o redireccionem para eles próprios. Como resultado a raiva das pessoas ansiosas pode incluir uma complexa mistura de ressentimento, hostilidade, autocritica, medo, tristeza e depressão (Mikuliner & Shaver, 2007). A vivência da raiva destes é então causada pelo desejo de proximidade ao seu parceiro aliado a não acreditar, porém, que isto seja possível, sendo a raiva originária deste processo posteriormente direcionada ao seu parceiro (Mayseless, 1991).

Mikulincer (1998) descobriu que as pessoas ansiosas têm expectativas mais negativas acerca das respostas dos outros durante episódios de raiva e tendem a levar de modo mais indiferenciado, com uma avaliação tendenciosamente negativa, as intenções dos parceiros da relação (Mikulincer & Shaver, 2007). Eles atribuíram hostilidade ao seu parceiro e reagiram de acordo, mesmo quando havia apenas pistas ambíguas no que toca a intenção hostil. Há também indícios, citados antes, que a vinculação ansiosa está associada a raiva, agressão e hostilidade (e.g., Buunk, 1997; Calamari & Pini, 2003; Dutton, Saunders, Starzomski, & Bartholomew, 1994; Magai e tal., 2000; Mikulincer, 1998; Troisi & D'Argenio, 2004; Zimmermann, 2004, citados por Mikulincer & Shaver, 2007). Simpson, Rholes e Phillips, (1996) descobriram que a vinculação ansiosa está associada com a exibição e o relato de maior hostilidade e raiva aquando a discussão de um problema por resolver com um parceiro íntimo. Além disso, verificou-se igualmente que mulheres com níveis mais elevados de vinculação ambivalente têm maior tendência a comportar-se de forma negativa com o seu parceiro, no momento pós-discussão.

Personalidade e Violência nas Relações Amorosas

Embora existam ainda muitos modelos competitivos e muitas particularidades a ser discutidas dentro do modelo dos cinco factores, este modelo tem ganho grande aceitação como quadro para a classificação global dos traços de personalidade dentro da comunidade científica (e.g. Digman & Takemoto-Chock, 1981; McRae & Costa, 1987; Wiggins & Trapnell, 1993, citados in Costa & Widiger, 1993).

Este modelo é um modelo teórico dimensional. Assim, em vez da análise da personalidade ser feita em categorias, como está presente no DSM (e classificações similares) no qual muitos dos teóricos da área se têm baseado, este modelo analisa a personalidade através de uma estrutura de traços, os quais são definidos como "dimensões estáveis das diferenças individuais nas tendências para mostrar padrões consistentes de pensamentos, sentimentos e

acções" (Costa & McRae, 1990, citado por Costa & McRae, 1992; Costa & Widiger, 1993 pp. 2).

O modelo de cinco traços aqui estudado é o Modelo dos Cinco Factores de Goldberg (1991), que inclui as dimensões de Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Estabilidade Emocional e Intelecto-Sofisticação. A Extroversão é o traço relacionado com a característica de ser social. Refere-se à quantidade e intensidade das interacções interpessoais primordiais, nível de actividade, necessidade de estimulação e capacidade de desfrutar e apreciar. Pessoas com elevado nível de Extroversão tendem a ser sociáveis, activas, faladoras, orientadas para as pessoas, optimistas, que gostam de se divertir e afectuosas. Pessoas com níveis baixos de Extroversão tendem a ser reservadas (mas não necessariamente pouco amáveis), moderadas e sossegadas. Os introvertidos não são pessoas infelizes ou pessimistas, mas não são dados a estados de espírito muito exuberantes como os extrovertidos (Costa & Widiger, 1993).

Ao nível relacional, valores elevados de Extroversão parecem estar, não só, relacionados com a qualidade na relação (Barelds, 2005), como também com a quantidade de tempo e de confiança que um indivíduo atribui ao seu parceiro (Asendorf & Wilpers, 1998). Esta relação pode ser explicada pelo facto de indivíduos com níveis superiores de Extroversão terem maior tendência de se envolver intimamente no compromisso, agindo assim por forma a preservar a relação (Lee-Bagley, Preece & DeLongis, 2005). Apesar disto, sujeitos com elevados valores de Extroversão, no momento do conflito, têm maior tendência a relatar o uso de técnicas de confrontação, culpabilização de si próprio e afastamento (Lee-Bagley, Preece & DeLongis, 2005). Esta pode representar uma explicação para as descobertas do estudo de Higgins e Snell (2002), no qual estes autores verificaram que as raparigas com níveis superiores de Extroversão, tinham não só maior probabilidade de usar agressão verbal e violência física para com os seus parceiros, mas também tinham maior probabilidade de usar a conversação no sentido de chegar a um entendimento, revelando assim a flexibilidade nas técnicas de coping subjacentes a valores elevados deste traço (Lee-Bagley, Preece & DeLongis, 2005).

Já a Agradabilidade refere-se à capacidade de ter compaixão e compreensão pelos outros, de ser tendencialmente agradável, caloroso e dócil ao nível social. Alguns autores, como Digman (1990) defendem que este termo é "tépido para descrever uma dimensão que envolve os aspectos mais humanos (da pessoa) " (Huntz, Nunes, Silveira, Serra, Anton & Wieczorek, 1998, p. 2), que se caracteriza, por um lado, com o altruísmo, cuidado, amor e apoio emocional e, no pólo oposto, pela hostilidade, indiferença relativamente aos outros, egoísmo e inveja.

A presença da Agradibilidade, analisado à luz das relações interpessoais, parece estar, não só, amplamente relacionada com o ajustamento social, como também funcionar como potenciadora das características benéficas dos restantes traços positivos (Laursen, Pulkkinen & Adams, 2002). Por outro lado, a sua ausência parece provocar um estímulo nas características mais negativas dos traços menos adaptativos. No estudo de

Ode, Robinson e Wilkowski (2008), verificou-se que era notório um aumento de respostas agressivas e de raiva em indivíduos com valores elevados de Neuroticismo e níveis baixos de Agradabilidade. Quando os valores de Agradabilidade eram elevadas, este acontecimento já não se verificava.

Considerando que sujeitos com níveis elevados de Agradabilidade serão, provavelmente, mais bondosos e terão mais compaixão e consideração pelo outro, então pode afirmar-se que estes terão menos probabilidades de abusar verbalmente ou fisicamente do seu parceiro (Goldberg, 1992).

Congruentemente, no estudo de Higgins e Snell, (2002) jovens universitários de ambos os sexos que possuíam atributos do traço agradabilidade tinham maior probabilidade de usar a conversação para lidar com o conflito nas suas relações de namoro, sendo que os rapazes com esta característica tinham ainda menor probabilidade de abusar fisicamente das suas parceiras. Deste modo é característico destes sujeitos, no momento de conflito, o uso de estratégias focadas na relação, reagindo a este de forma empática e não usando técnicas inadaptadas, como o confronto ou a auto-culpabilização (Lee-Bagley, Preece & DeLongis, 2005)

Por outro lado, no estudo de Bettencourt, Talley, Benjamin e Valentine (2006), verificou-se que o Antagonismo exerce uma tendência para a prática de comportamentos agressivos em situações provocatórias (como o conflito). No entanto, a Agradabilidade não funciona somente como potenciadora de atitudes e comportamentos agradáveis, funcionando igualmente como preventora de conflitos, principalmente com sujeitos do sexo oposto (Asendorf & Wilpers, 1998).

A Conscienciosidade é um traço que se prende com o ser responsável, honesto e de confiança, num extremo do traço, e negligente e irresponsável, no extremo oposto. Este é um traço altamente correlacionado com o desempenho académico, organizando e dirigindo o comportamento para metas positivas (Huntz, Nunes, Silveira, Serra, Anton & Wieczorek, 1998; Higgins & Snell, 2002).

No que diz respeito à Conscienciosidade, em contextos de interacção, sabemos que sujeitos muito conscienciosos têm tendência a assumir as suas responsabilidades e as responsabilidades pelos seus actos. No momento do conflito, estes sujeitos têm tendência a utilizar técnicas de coping focadas no relacionamento, lidando com o conflito com sensibilidade e empatia, apresentando, porém, em alguns momentos alguns níveis de auto-culpabilização. Congruentemente, no estudo de Higgins e Snell (2002) verificou-se que jovens universitários que eram mais conscienciosos tinham menor probabilidade de usar violência para com as suas parceiras.

O traço de Intelecto-Sofisticação, também denominado de Abertura à Experiência, engloba atributos como ter “mente aberta”, ou seja, ter abertura para novas experiências, ter flexibilidade de pensamento, fantasia e imaginação e interesses culturais (Huntz, Nunes, Silveira, Serra, Anton & Wieczorek, 1998; Higgins & Snell, 2002).

Em momentos de conflito relacional, sujeitos com valores elevados deste traço têm menor tendência a utilizar o uso do distanciamento e a usar estratégias de coping focadas na relação (Lee-Bagley, Preece & DeLongis,

2005). Esta conclusão é, novamente, confirmada pelo estudo de Higgins e Snell, (2002), no qual verificou que as mulheres com níveis mais elevados de abertura à experiência (o equivalente ao Intelecto-Sofisticação no modelo de Goldberg, [2001]) tinham maior probabilidade de usar a conversação para lidar com o conflito com os seus parceiros.

Por fim, Estabilidade Emocional é o traço que engloba o afecto positivo e negativo, ansiedade emocional e, como o próprio nome indica, a estabilidade emocional (Huntz, Nunes, Silveira, Serra, Anton & Wieczorek, 1998; Higgins & Snell, 2002). Ao nível relacional, verificou-se, por exemplo, no estudo de Higgins e Snell (2002) que homens e mulheres que eram emocionalmente mais estáveis tinham menor probabilidade de agredir verbalmente os seus parceiros. O Neuroticismo, pólo negativo da Estabilidade Emocional, quando elevado, define indivíduos que têm tendência a sofrer angústia psicológica. Poderia denominar-se afectos negativos, mas N também inclui ideias irrealistas, ânsias excessivas ou dificuldade em tolerar a frustração causada por não ter os seus desejos satisfeitos no momento em que o deseja e respostas de coping não adaptativas. O conceito de Neuroticismo envolve ansiedade, hostilidade com raiva, depressão, autoconsciência, impulsividade e vulnerabilidade (Costa & Widiger, 1993). Sujeitos com elevados níveis de Neuroticismo têm maior tendência de ter um maior número de conflitos interpessoais e de reagir aos mesmos com uma atitude marcada pela raiva no momento do conflito e comportamentos depressivos nos momentos posteriores (Bolger & Zuckerman, 1995).

Além disso, este traço está amplamente relacionado com a agressão e violência (Bettencourt, Talley, Benjamin & Valentine, 2006), sendo que a agressão característica deste traço é impulsiva e emocional (Clark, McEwen & Vorhies, 1993; Egan, 2008).

Adicionalmente, estes indivíduos têm tendência a recorrerem a estratégias de resolução de conflito passivamente focadas na emoção, tendo assim propensão a utilizar estratégias como o evitamento, afastamento interpessoal e auto-culpabilização. Estas estratégias estão associadas a resultados mais empobrecidos, o que pode levar a que não aliviem as suas emoções negativas e criem, inclusivamente, afectos negativos. Além disso, embora estes sujeitos tenham maior tendência para procurar apoio emocional no momento do conflito, não evidenciaram tendência a oferecer apoio ou tentar adoptar a perspectiva do outro (Lee-Bagley, Preece & DeLongis, 2005).

Tendo em conta as considerações acima referidas, não é surpreendente a relação negativa frequentemente encontrada entre o Neuroticismo e a satisfação na relação (Barelds, 2005).

Também a baixa auto-estima (uma expressão de valores elevados de Neuroticismo) funciona como preditor de actos de agressão e está relacionada não só com pensamentos, sentimentos e comportamentos agressivos como também com comportamentos anti-sociais (Donnellan, Trzesniewski, Robins Moffitt & Caspi, 2005).

Os teóricos da personalidade vêem estes traços como sendo continuamente distribuídos e exibindo largas diferenças individuais, de tal forma que alguns indivíduos podem exibir fortemente um traço enquanto

outros podem exibi-lo apenas levemente ou não o exibir de todo (Clark, McEwen & Vorhies, 1993). É desta visão que nasce a interpretação dos distúrbios da personalidade. Dentro da variação normal, os traços de personalidade exibem diferenças individuais que representam a característica e estilo adaptativo de pensamento, sentimento e comportamento da pessoa, enquanto uma disfunção da personalidade é caracterizada por expressões extremas e inflexíveis destes traços que representam formas disfuncionais de pensamento, sentimento e comportamento. Desta forma, pode concluir-se que os domínios da personalidade normal e anormal partilham uma estrutura comum e o que diferencia estes dois não são os traços em si, mas se a expressão dos mesmos é moderada ou extrema, flexível ou rígida e adaptativa ou não adaptativa (Clark, McEwen & Vorhies, 1993), conceptualizando assim as perturbações da personalidade como variantes da personalidade normal (Livesley, Schroeder & Wormworth, 1993). Este quadro teórico considera ainda, e seguindo esta linha de pensamento, que todas as pessoas têm traços adaptativos e inadaptados, sendo que estes irão variar no seu grau de intensidade de pessoa para pessoa (Widiger, 1993).

II - Objectivos

Com a presente investigação, pretende-se fundamentalmente analisar as relações de namoro à luz da relação de vinculação vivenciada com as figuras parentais e a personalidade de cada indivíduo. De um modo mais específico, neste estudo, pretende-se contribuir para a clarificação dos seguintes objectivos/hipóteses:

a. Quais os tipos e categorias de comportamentos abusivos e papel na relação mais prevalentes nas relações da população aqui estudada?
b. Que tipo de relação pode ser estabelecida entre as escalas de Perpetração, Vitimização, Personalidade e Vinculação?
c. Há alguma relação entre o número de relações tidas pelos inquiridos e a tendência para comportamentos abusivos?
d. Pode-se estabelecer uma relação entre ser vítima nas relações anteriores e ser vítima nas relações actuais?
e. Há diferenças de género ao nível dos comportamentos abusivos, personalidade, vinculação e episódios de violência na infância?
f. Há uma relação entre ser vítima de violência parental na infância e tornar-se vítima/perpetrador nas relações amorosas na adultez?
g. Pode-se estabelecer uma relação entre ser testemunha de violência parental na infância e tornar-se vítima/perpetrador nas relações amorosas na adultez?
h. Qual o contributo combinado da Personalidade e do padrão de Vinculação ao nível da variância dos comportamentos abusivos nas relações amorosas?

III - Metodologia

Recolha da amostra

Para a presente investigação, foi considerado pertinente, tendo em conta a grande focalização já existente nas relações matrimoniais, um direcionamento para as camadas mais jovens, nomeadamente os/as jovens adultos. Para ter acesso a esta camada populacional, através da deslocação a várias Faculdades, foram inquiridos vários estudantes de diversos cursos do ensino superior (cf. Tabela 1). Foram ainda, adicionalmente, inquiridos alguns alunos do secundário e outros sujeitos que já se encontravam em condição laboral, todavia, a esmagadora maioria dos respondentes frequentam instituições de ensino superior.

Tabela 1. Ocupações dos sujeitos (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Psicologia UC[1]	89	28.3%
Biologia UC	47	15%
Economia UC	47	15%
Desporto UC	36	11.5%
Bioquímica UC	14	4.5%
Curso EFA[2]	22	7%
Ciência da Comunicação UTAD[3]	1	0.3%
Enologia UTAD	2	0.6%
Psicologia M.Torga[4]	13	4.1%
Arquitectura EUAC[5]	1	0.3%
Medicina UC	3	1%
Direito UC	3	1%
Medicina Dentária UTAD	1	0.3%
Engenharia Mecânica UTAD	1	0.3%
E.S. de Enfermagem de Coimbra	1	0.3%
Engenharia Civil UC	1	0.3%
Turismo UC	1	0.3%
Letras UC	1	0.3%
Arquitectura Paisagística UTAD	3	1%
Bio-Engenharia UTAD	1	0.3%
Desporto UTAD	1	0.3%
Engenharia Zootécnica UTAD	1	0.3%
Medicina Veterinária UTAD	1	0.3%
Trabalhador/Desempregado	23	7.3%
Total	314	100%

[1] Universidade de Coimbra
[2] Curso de Educação e Formação de Adultos
[3] Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
[4] Instituto Miguel Torga
[5] Escola Universitária das Artes de Coimbra

Deste modo, e por forma a obter um maior rigor no preenchimento dos inquéritos, foi pedido o apoio aos professores das Faculdades acima referidas para que os inquéritos fossem passados nas suas aulas. Por parte de alguns este pedido foi aceite, outros disponibilizaram o momento de intervalo ou o momento posterior à aula. Esta recolha foi realizada entre o início do segundo semestre e o meio do mesmo, ou seja, entre o mês de Janeiro e o mês de Março.

Foram recolhidos, no total 380 questionários que foram sujeitos inicialmente a um processo de controlo de qualidade das respostas. Retiraram-se 25 questionários por pertencerem a indivíduos que nunca tiveram uma relação e ainda outros 11 por terem demasiadas respostas em falta, ou por terem padrões de resposta, independentemente do item (e.g., responder sempre "3" ou responder ordenadamente "1,2,3,4,5"). Assim sendo, a amostra final ficou com um total de 314 sujeitos.

Caracterização da Amostra

Como referimos acima, a amostra conta com 314 sujeitos, dos quais 195 pertencem ao sexo feminino (62.1%) e 119 pertencem ao sexo masculino (37.9%) (cf. Tabela 2). Relativamente às idades, e tendo em conta que esta investigação se focava na população jovem adulta, estas localizam-se entre os 18 e os 30 anos, estando a sua média nos 20.67 anos (DP=2.73) (cf. Tabela 3).

Tabela 2. Distribuição da amostra em função do sexo (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Feminino	195	62.1%
Masculino	119	37.9%
Total	314	100%

Tabela 3. Estatísticas descritivas das idades (mínimo, máximo e média)

	Mínimo	Máximo	Média
Idade	18	30	20.67

Analisando agora as nacionalidades, é possível verificar que a maioria dos respondentes é detentor da nacionalidade portuguesa (N= 292 sujeitos, ou seja, 93% da amostra). Encontramos nos restantes sujeitos alguma variedade no que toca à sua nacionalidade, nomeadamente 15 sujeitos Brasileiros, 2 sujeitos Italianos, 1 Cabo-verdiano, 1 Guineense, 1 Russo, 1 Espanhol e 1 Moçambicano (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Distribuição das nacionalidades (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Portuguesa	292	93%
Cabo-verdiana	1	0.3%
Brasileira	15	4.8%
Guineense	1	0.3%

Russa	1	0.3%
Italiana	2	0.6%
Espanhola	1	0.3%
Moçambicana	1	0.3%
Total	314	100%

Passando agora ao estado civil dos sujeitos verificou-se que dos 314 sujeitos que representam a totalidade da amostra, 168 sujeitos se encontravam solteiros (53.5%), 139 sujeitos se encontravam num relacionamento (44.3%), 5 sujeitos eram casados (1.6%) e 2 se encontravam em união de facto (0.6%) (cf. Tabela 5). Quando questionados acerca do número de relacionamentos que tiveram, contabilizando o actual, se existente, os números apontados variaram entre uma e vinte cinco relações, sendo a média 2.87 (DP=2.41) (cf. Tabela 6).

Tabela 5. Estado civil dos sujeitos (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Solteiro	168	53.5%
Num Relacionamento	139	44.3%
Casado	5	1.6%
União de Facto	2	0.6%
Total	314	100%

Tabela 6. Mínimo, Máximo e Média do número de relações tidas pelos sujeitos

	Mínimo	Máximo	Média
Número de relações	1	25	2.87

Os sujeitos foram seguidamente questionados sobre o seu crescimento, mais propriamente se tinham assistido a episódios de violência entre os seus pais (ou outras figuras cuidadoras) ou se tinham sido, eles próprios, vítimas de violência por parte dos mesmos. Em caso de resposta afirmativa, os sujeitos eram questionados se esses episódios eram ou não recorrentes. Analisando então as respostas dos sujeitos, verificou-se que 56 (17.8%) dos sujeitos inquiridos assistiram a episódios violentos entre as suas figuras cuidadoras, e 23 destes casos (41.1%) eram situações recorrentes. Quanto à condição de vítima, houve 32 sujeitos (10.2%) a inserirem-se nesta categoria, e em 9 (28.1%) destes casos a vivência da violência enquanto vítima era uma situação recorrente (cf. Tabela 7).

Tabela 7. Distribuição da amostra em função dos espectadores e vítimas de violência parental (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Assistiu a violência os pais	56	17.8%
Violência entre os pais recorrente	23	41.1%[6]
Vítima de violência parental	32	10.2%
Vítima recorrente de violência parental	9	28.1%[7]
Total	88	28%[8]

Materiais Utilizados

1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi desenvolvido propositadamente para esta investigação, estando nele inseridas todas as questões que permitiram efectuar o levantamento das informações consideradas relevantes para a análise dos casos. Deste modo, pode nele encontrar-se informações acerca do sexo e idade, bem como da naturalidade e nacionalidade. De seguida, há um questionamento relativo à situação laboral (e.g. estudante, trabalhador, desempregado) e, no caso de estudante, o curso e a instituição em que estuda.

O campo de interesse seguinte é o estado civil. Assim questiona-se ao sujeito o seu estado civil (e.g. solteiro, num relacionamento, casado, união de facto) e o número de relações em que esteve.

As questões seguintes são referentes ao crescimento de cada sujeito, tentando aqui apurar se este foi testemunha de violência entre as suas figuras cuidadoras, ou se foi vítima das mesmas. Além disto, quando existentes, questiona-se a frequência destes acontecimentos, como sendo recorrentes ou não.

2. Inventário de Violência Conjugal (I.V.C)

O I.V.C. (Inventário de Violência Conjugal de Machado, Matos & Gonçalves, 2000) foi inserido nesta investigação com o intuito de fazer um levantamento dos comportamentos violentos, perpetrados ou vitimizados, em situação de relação amorosa.

Este inventário é constituído por 21 itens, referentes a comportamentos abusivos, devendo o sujeito responder, para cada um, a frequência com que acontece/aconteceu (nunca, uma vez ou mais do que uma vez), e se este se encontrava numa posição de vítima, agressor ou ambos. São aqui abrangidas três categorias de comportamentos agressivos: comportamentos fisicamente abusivos (e.g., puxar cabelos, dar murros), comportamentos emocionalmente

[6] Este valor refere-se a 41.1% da amostra de 56 sujeitos que assistiram a violência entre as figuras parentais.

[7] Este valor refere-se a 28.1% da amostra de 32 sujeitos que foram vítimas de violência parental.

[8] 28% da amostra total, 314 sujeitos.

abusivos (e.g., insultar) e comportamentos de intimidação/coerção (e.g., gritar ou ameaçar para meter medo).

Este inventário encontra-se ainda dividido em duas partes; a primeira fazendo referência ao último ano de relação vivido e a segunda fazendo referência a relações vividas anteriormente. Considera-se vítima ou perpetrador quem relatar o acontecimento de pelo menos um comportamento violento.

3. International Personality Item Pool (IPIP)

O *International Personality Item Pool* tem como objectivo medir os cinco traços da Personalidade. Tendo sido criado por Goldberg (2001), é constituído por uma versão com 100 itens e outra com 50 itens, sendo que foi a segunda a que foi utilizada neste estudo.

É composto por adjectivos descritivos de traços, cujo uso revelou a existência de 5 grandes factores, os traços de Personalidade, aqui denominados de Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Estabilidade Emocional e Intelecto-Sofisticação.

Este questionário surgiu com o intuito de fornecer aos investigadores uma medida dos traços de Personalidade que fosse gratuita. Por ser relativamente recente, encontra-se em aferição para a maioria dos países, sendo que no seu estudo original, o IPIP obteve consistências internas localizadas entre os .84 e os .90 (Gow, Whiteman, Pattie & Deary, 2005).

Neste estudo, porém, as consistências internas obtidas foram, em alguns casos, substancialmente inferiores. Em primeiro lugar, o valor de alfa de Cronbach obtido para a Estabilidade Emocional foi de .811, para a Extroversão obtivemos um alfa de .655, para a Agradabilidade obtivemos um alfa de .755, para a Conscienciosidade obtivemos um alfa de .674 e, por fim, para o Intelecto-Sofisticação, obtivemos um alfa de .742. A versão portuguesa deste inquérito foi-nos cedida pelo Dr. João Oliveira, Professor de Psicologia na Universidade Lusófona, em Lisboa, o qual foi responsável pela tradução do inquérito.

4. Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA-r)

O IPPA (*Inventory of Parent and Peer Attachment*), tem por autores Armsden & Greenberg (1987). Este inventário tem como objectivo a avaliação das percepções dos adolescentes acerca da dimensão cognitiva e afectiva no relacionamento com os seus pais e colegas e avalia três dimensões principais: Comunicação e Proximidade Afectiva, Aceitação Mútua e Compreensão e Afastamento e Rejeição. Na sua forma original o inventário é constituído por 28 itens na versão para pais e 25 itens na versão para amigos, com um formato de resposta tipo Likert de cinco pontos. Armsden & Greenberg (1987) obtiveram valores de consistência interna através do alfa de Cronbach de .93 para a versão para pais e .86 na versão para colegas (Gullone & Robinson, 2005; Greenberg, 2009).

Este inventário foi revisto (Gullone & Robinson, 2005) com o intuito

de simplificar o vocabulário, para que pudesse ser acessível a crianças e jovens adolescentes. Assim, 16 dos 28 itens da versão parental foram revistos, bem como 14 dos 25 itens da versão para colegas. Além disso, a escala de resposta de cinco pontos foi transformada numa escala de três pontos "Sempre Verdadeiro", "Às Vezes Verdadeiro" e "Nunca Verdadeiro". Na versão final desta revisão, os autores obtiveram na versão para pais um valor de consistência interna (alfa de Cronbach) entre .78 e .82 e na versão para colegas, valores entre .69 e .87.

Esta versão foi adaptada para Portugal num estudo de Machado & Figueiredo (2008), com crianças do ensino básico, onde, além da versão para pais e colegas já existente, criaram a versão para professores. Cada uma destas versões é composta por 25 itens, num esquema de resposta tipo Likert de cinco pontos, havendo alguns itens com cotação invertida. As três subescalas aferidas em estudos anteriores mantêm-se neste estudo (Comunicação e Proximidade Afectiva, Aceitação mútua e Compreensão e Afastamento e Rejeição), cada uma delas avaliando as respectivas componentes. Relativamente à consistência interna, as autoras obtiveram um valor global de alfa de Cronbach que variou entre .87 e .91.

Para esta investigação somente foi utilizada a versão para pais. Esta escala integra vinte e cinco itens, e apresenta uma escala de resposta tipo Likert de 5 pontos. Foram obtidos valores de consistência interna, através do alfa de Cronbach, de .91 para a escala de Comunicação e Proximidade Afectiva, .80 para a escala de Aceitação Mútua e Compreensão, .72 para a escala de Afastamento e Rejeição e um valor global de .72.

Procedimento

Em primeiro lugar, foram contactados os autores dos instrumentos, no sentido de obter a sua autorização para o uso dos mesmos nesta investigação.

Posteriormente foi feita a recolha das respostas nos questionários, entre o mês de Janeiro e o mês de Março, através da deslocação a salas de aula de várias Faculdades da Universidade de Coimbra, sendo que o seu preenchimento tinha uma duração entre 15 a 20 minutos. Foram ainda recolhidos alguns questionários em Vila Real, com o apoio de um contacto da zona, os quais foram, posteriormente ao seu preenchimento, enviados para Coimbra por correio.

Todos os sujeitos respondentes foram informados dos seus direitos, nomeadamente de poderem participar na investigação, bem como recusar a fazê-lo; a grande maioria acedeu ao pedido, voluntariando-se para preencher os instrumentos fornecidos. Aos participantes foi dada ainda a garantia do anonimato e da confidencialidade das informações fornecidas no decurso do inquérito. Nos casos em que o levantamento dos inquéritos foi feito de forma presencial, mantivemos a nossa presença em sala, com o intuito de estar disponíveis para o esclarecimento de qualquer dúvida que pudesse surgir no momento do preenchimento.

Análise Estatística

Numa fase posterior à recolha dos dados, procedeu-se à introdução destes no programa de tratamento estatístico IBM SPSS *Statistics* (Statistical Package for the Social Sciences), versão 20.

Recorremos a vários tipos de análise neste programa com o intuito de responder aos objectivos inicialmente delineados. Assim, efectuámos primeiramente análises descritivas para saber valores de frequências e percentagens das características da amostra aqui presente.

Para verificar a existência de diferenças significativas entre valores de média, tendo uma das variáveis nominal (mais de duas categorias) e a outra contínua utilizámos uma ANOVA. Para apurar entre que categorias (da variável nominal) se verificavam diferenças estatisticamente significativas, recorremos a testes post-hoc, nomeadamente o teste de Bonferroni. (Laureano, 2011; Maroco, 2003; Pallant, 2002; Pestana & Gageiro, 2008).

Recorremos ainda ao uso do teste *t* de Student para amostras independentes, para a comparação de valores de média de duas variáveis, sendo uma delas nominal (com duas categorias) e a outra contínua (Laureano, 2011; Maroco, 2003; Pallant, 2002; Pestana & Gageiro, 2008).

Foi igualmente usado o coeficiente de Correlação de Pearson, para estudar a existência de uma relação e a possível direcção da mesma entre duas variáveis contínuas (Laureano, 2011; Maroco, 2003; Pallant, 2002; Pestana & Gageiro, 2008).

Por fim, recorremos à Regressão Múltipla com o intuito de verificar a existência de um Modelo explicativo das variáveis dependentes em estudo, e em caso afirmativo, qual a variância explicada pelo mesmo. Obteve-se ainda com este método a variável mais explicativa presente dentro do modelo (Laureano, 2011; Maroco, 2003; Pallant, 2002; Pestana & Gageiro, 2008).

Os valores obtidos foram considerados significativos sempre que o valor da sua significância (*p*) fosse inferior a .05 (Laureano, 2011; Maroco, 2003; Pallant, 2002; Pestana & Gageiro, 2008).

IV - Resultados

1.1 Prevalência dos comportamentos abusivos nas relações actuais dos inquiridos

Considerando apenas os sujeitos que se encontram actualmente numa relação podemos verificar que, quer ao nível da Perpetração quer ao nível da Vitimização, os gestos abusivos mais verificados pertencem tanto à categoria de fisicamente abusivos como emocionalmente abusivos. Para esta amostra contamos com 174 sujeitos, uma vez que nem todos os inquiridos se encontravam numa relação no momento do levantamento da informação.

Desta forma, os comportamentos fisicamente abusivos mais comuns para a Perpetração na relação actual são “dar bofetadas”, “dar empurrões

violentos" e "puxar cabelos". Já para a Vitimização, os comportamentos mais encontrados são "atirar com objectos", "dar bofetadas" e "dar empurrões violentos" (cf. Anexo Tabela 8).

Relativamente aos comportamentos emocionalmente abusivos, os comportamentos encontrados nesta amostra para a categoria de Perpetração com maior frequência são "insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir o parceiro", "gritar ou ameaçar para meter medo" e "impedir o contacto com outras pessoas". Quanto à Vitimização, os comportamentos encontrados com maior frequência são "insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir o parceiro", "gritar ou ameaçar para meter medo" e "impedir o contacto com as outras pessoas" (cf. Anexo Tabela 9).

1.2 Prevalência dos comportamentos abusivos nas relações anteriores dos inquiridos

Considerando as relações anteriores e baseando-nos na totalidade da amostra, podemos verificar, como seria de esperar, uma incidência ainda maior dos comportamentos abusivos. Para a Perpetração, os comportamentos encontrados com maior frequência são "dar bofetadas", "dar empurrões violentos" e "atirar com objectos". Também para a Vitimização estes são os comportamentos que se verificam com maior frequência (cf. Tabela 10).

Analisando agora os comportamentos emocionalmente abusivos nas relações anteriores dos sujeitos, podemos verificar que os comportamentos mais comuns na Perpetração são, tal como na condição das relações actuais, "insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir o parceiro", "gritar ou ameaçar para meter medo" e "impedir o contacto com outras pessoas". Estes comportamentos apresentam-se igualmente como os mais frequentes na condição de Vitimização (cf. Tabela 11).

1.3 Análise da distribuição dos sujeitos pelas diferentes categorias de papéis na relação

Considerámos ainda relevante ter conhecimento da distribuição dos inquiridos pelas categorias relativas ao papel na relação de "Vítima", "Perpetrador", "Perpetrador e Vítima" e "Nem Vítima nem Perpetrador[9]". Através da análise dos dados recolhidos pudemos constatar que nesta amostra encontram-se 19 perpetradores, 22 vítimas de comportamentos abusivos, 78 sujeitos que se inserem na categoria de vítimas e perpetradores e 195 sujeitos que nunca vivenciaram qualquer tipo de violência na sua relação (cf. Tabela 12).

[9] Esta condição faz referência aos sujeitos que nunca vivenciaram qualquer tipo de violência, perpetrada ou vitimizada, na relação.

Tabela 12. Distribuição dos sujeitos nas categorias da variável papel da relação (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Nem vítima nem perpetrador	195	62.1%
Perpetrador	19	6.1%
Vítima	22	7%
Vítima e Perpetrador	78	24.8%
Total	314	100%

2. Análise da variação dos valores dos cinco grandes traços da personalidade e vinculação para as condições perpetrador, vítima, perpetrador e vítima e nem perpetrador nem vítima

Relativamente a esta análise, com o intuito de verificar as variações dos diferentes papéis na relação, relativamente à Personalidade e Vinculação, procedemos à utilização de uma ANOVA com um único factor. Começando esta análise pela Personalidade, é possível verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível da Conscienciosidade ($F_{(3;310)} = 5.845$; p=.001) e da Estabilidade Emocional ($F_{(3;310)} = 2.645$; p=.049) (cf. Tabela 13).

Tabela 13. Valores de F e de significância para os traços da Personalidade.

	F	p
Extroversão	1.095	.351
Agradabilidade	.480	.696
Conscienciosidade	5.845	.001*
Estabilidade Emocional	2.645	.049*
Intelecto-Sofisticação	.264	.852

*p<0.05

Por forma a verificar quais as categorias que, dentro da Conscienciosidade e Estabilidade Emocional, tinham diferenças estatisticamente significativas entre si, recorremos ao teste de Bonferroni. Através dos resultados aqui obtidos, pudemos concluir que, para a Conscienciosidade, se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as condições "Nem perpetrador nem vítima" e "Perpetrador e Vítima", onde os sujeitos pertencentes à condição "Nem perpetrador nem vítima" obtêm valores mais elevados (M=35.15) do que os sujeitos pertencentes à condição "Perpetrador e Vítima" (M=32.86). Existem ainda diferenças significativas entre as condições "Vítima" e "Perpetrador e Vítima", sendo que a condição "Vítima" obtém uma cotação mais elevada (M=36.05) do que a condição "Perpetrador e Vítima" (M=32.86) (cf. Tabela 14 e Tabela 15).

Tabela 14. Papéis na relação: valores médios para a variável Conscienciosidade

	Papel na Relação	N	Média
Conscienciosidade	Nem perpetrador nem vítima	195	35.15
	Perpetrador	19	35.26
	Vítima	22	36.05
	Perpetrador e vítima	78	32.86

Tabela 15. Comparações entre as médias das condições Nem perpetrador nem vítima, Perpetrador, Vítima e Perpetrador e Vítima obtidas na variável Conscienciosidade.

(I) Papel na Relação	(J) Papel na Relação	Diferenças de Médias (I-J)	Std. Error	Sig.
Nem Perpetrador nem vítima	Perpetrador	-.114	1.072	>.05
	Vítima	-.897	1.003	>.05
	Perpetrador e Vítima	2.290*	.597	.001
Perpetrador	Nem Perpetrador nem vítima	.114	1.072	>.05
	Vítima	-.782	1.397	>.05
	Perpetrador e vítima	2.404	1.141	.215
Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	.897	1.003	>.05
	Perpetrador	.782	1.397	>.05
	Perpetrador e Vítima	3.186*	1.077	.020
Perpetrador e Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	-2.290*	.597	.001
	Perpetrador	-2.404	1.141	.215
	Vítima	-3.186*	1.077	.020

*$p<0.05$

No que concerne à Estabilidade Emocional, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre as condições "Nem Perpetrador nem Vítima" e "Perpetrador e Vítima", onde os sujeitos que não vivenciam violência na relação obtêm valores mais elevados (M=36.69) do que os sujeitos pertencentes à condição "Perpetrador e Vítima" (M=28.47). (cf. Tabela 16 e Tabela 17).

Tabela 16. Papéis na relação: valores médios para a variável Estabilidade Emocional

	Papel na Relação	N	Média
Estabilidade Emocional	Nem perpetrador nem vítima	195	36.69
	Perpetrador	19	29.89
	Vítima	22	30.55
	Perpetrador e vítima	78	28.47

Tabela 17. Comparações entre as médias das categorias de papel na relação obtidas na variável Conscienciosidade

(I) Papel na Relação	(J) Papel na Relação	Diferenças de Médias (I-J)	Std. Error	Sig.
Nem Perpetrador nem vítima	Perpetrador	.798	1.427	>.05
	Vítima	.147	1.335	>.05
	Perpetrador e Vítima	2.218*	.795	,034
Perpetrador	Nem Perpetrador nem vítima	-.798	1.427	>.05
	Vítima	-.651	1.859	>.05
	Perpetrador e vítima	1.420	1.519	>.05
Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	-.147	1.335	>.05
	Perpetrador	.651	1.859	>.05
	Perpetrador e Vítima	2.071	1.433	.896
Perpetrador e Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	-2.218*	.795	.034
	Perpetrador	-1.420	1.519	>.05
	Vítima	-2.071	1.433	.896

*p<0.05

Procedemos seguidamente a esta mesma análise para as Subescalas e Escala Total da Vinculação. Através dos resultados obtidos podemos verificar diferenças estatisticamente significativas ao nível da Aceitação Mútua e Compreensão ($F_{(3;310)}$ = 9.481; p=.000), do Afastamento e Rejeição ($F_{(3;310)}$= 5.629; p=.001) e da Escala Total ($F_{(3;310)}$ = 5.237; p=.002) (cf. Tabela 18).

Tabela 18.Valores de F e de significância para as Subescalas e Escala Total da Vinculação

	F	p
Confiança e Proximidade Afectiva	2.110	.099
Aceitação Mútua e Compreensão	9.481	.000*
Afastamento e Rejeição	5.629	.001*
Escala Total	5.237	.002*

*p<0.05

Para verificar, dentro das diferenças significativas, quais as condições a que estas pertenciam, realizámos novamente o teste de Bonferroni para efectuar os contrastes das médias das Subescalas Aceitação Mútua e Compreensão, Afastamento e Rejeição e Escala Total. Analisando os resultados obtidos, podemos afirmar que, dentro da Subescala Aceitação Mútua e Compreensão, as condições para as quais há diferenças são as de "Nem perpetrador nem vítima" e "Perpetrador e vítima" sendo que a primeira (M=25.69) obteve valores mais elevados do que a segunda (M=23.33). Encontraram-se ainda diferenças estatisticamente significativas entre as condições "Nem Perpetrador nem Vítima" (M=25.69) e "Vítima" (M=23.23), onde se verificou que a condição "Nem Perpetrador nem Vítima" obteve maior pontuação média. Por fim, verificaram-se ainda diferenças entre as condições "Perpetrador" (M=26.11) e "Perpetrador e Vítima" (M=23.33), onde os primeiros obtiveram pontuação superior (cf. Tabela 19 e Tabela 20).

Tabela 19. Papéis na relação: valores médios para a Subescala Aceitação Mútua e Compreensão

	Papel na Relação	N	Média
Aceitação Mútua e Compreensão	Nem perpetrador nem vítima	195	25.69
	Perpetrador	19	26.11
	Vítima	22	23.23
	Perpetrador e vítima	78	23.33

Tabela 20. Comparações entre as médias das categorias de papel na relação obtidas na Subescala Aceitação Mútua e Compreensão.

(I) Papel na Relação	(J) Papel na Relação	Diferenças de Médias (I-J)	Std. Error	Sig.
Nem Perpetrador nem vítima	Perpetrador	-.418	.902	>.05
	Vítima	2.460*	.844	.023
	Perpetrador e vítima	2.354*	.503	.000
Perpetrador	Nem Perpetrador nem vítima	.418	.902	>.05
	Vítima	2.878	1.175	.089
	Perpetrador e vítima	2.772*	.960	.025
Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	-2.460*	.844	.023
	Perpetrador	-2.878	1.175	.089
	Perpetrador e Vítima	-.106	.906	>.05
Perpetrador e Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	-2.354*	.503	.000
	Perpetrador	-2.772*	.960	.025
	Vítima	.106	.906	>.05

*$p<0.05$

Analisando, seguidamente, as diferenças obtidas ao nível da Subescala Afastamento e Rejeição, podemos verificar que as condições onde se verificam diferenças estatisticamente significativas são as de "Nem Perpetrador nem Vítima" e "Perpetrador e vítima" e também nas condições "Perpetrador" e "Perpetrador e Vítima". Relativamente às condições "Nem Perpetrador nem Vítima" e "Perpetrador e Vítima" verifica-se que a primeira obtém uma pontuação inferior (M=16.27) relativamente à segunda (M=18.56). Referenciando agora os resultados referentes às condições "Perpetrador" e "Perpetrador e Vítima", verifica-se que os sujeitos que são tanto perpetradores como vítimas obtiveram uma pontuação superior (M=18.56) do que os sujeitos que são somente perpetradores (M=15.26) (cf. Tabela 21 e Tabela 22).

Tabela 21. Papéis na relação: valores médios para a Subescala Afastamento e Rejeição

	Papel na Relação	N	Média
Afastamento e Rejeição	Nem perpetrador nem vítima	195	16.27
	Perpetrador	19	15.26
	Vítima	22	17.32
	Perpetrador e vítima	78	18.56

Tabela 22. Comparações entre as médias das categorias de papel na relação obtidas na Subescala Afastamento e Rejeição.

(I) Papel na Relação	(J) Papel na Relação	Diferenças de Médias (I-J)	Std. Error	Sig.
Nem Perpetrador nem vítima	Perpetrador	1.009	1.089	>.05
	Vítima	-1.046	1.020	>.05
	Perpetrador e Vítima	-2.292*	.607	.001
Perpetrador	Nem Perpetrador nem vítima	-1.009	1.089	>.05
	Vítima	-2.055	1.420	.893
	Perpetrador e vítima	-3.301*	1.160	.028
Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	1.046	1.020	>.05
	Perpetrador	2.055	1.420	.893
	Perpetrador e Vítima	-1.246	1.094	>.05
Perpetrador e Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	2.292*	.607	.001
	Perpetrador	3.301*	1.160	.028
	Vítima	1.246	1.094	>.05

*$p<0.05$

Por fim, a última variável onde se verificaram diferenças estatisticamente significativas foi na Escala Total da Vinculação. Nesta, as diferenças verificaram-se não só entre as condições "Nem perpetrador nem vítima" e "Perpetrador e vítima", como também nas condições "Perpetrador" e "Perpetrador e vítima". Para as duas primeiras condições, foi a condição "Nem perpetrador nem vítima" a qual obteve valores superiores na Escala Total do IPPA-r (M=54.31), comparativamente à condição "Perpetrador e Vítima" (M=47.94). Já para as condições "Perpetrador" e "Perpetrador e vítima", foi a primeira condição a ter uma cotação mais elevada (M=58.63), comparativamente com a condição "Perpetrador e vítima" (M=47.94) (cf. Tabela 23 e Tabela 24).

Tabela 23. Papéis na relação: valores médios para a Escala Total

	Papel na Relação	N	Média
Escala Total	Nem perpetrador nem vítima	195	54.31
	Perpetrador	19	58.63
	Vítima	22	48.86
	Perpetrador e vítima	78	47.94

Tabela 24. Comparações entre as médias das categorias de papel na relação obtidas na Escala Total da Vinculação

(I) Papel na Relação	(J) Papel na Relação	Diferenças de Médias (I-J)	Std. Error	Sig.
Nem Perpetrador nem vítima	Perpetrador	-4.324	3.464	>.05
	Vítima	5.444	3.242	.564
	Perpetrador e vítima	6.372*	1.931	.006
Perpetrador	Nem Perpetrador nem vítima	4.324	3.464	>.05
	Vítima	9.768	4.514	.187
	Perpetrador e vítima	10.696*	3.687	.024
Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	-5.444	3.242	.564
	Perpetrador	-9.768	4.514	.187
	Perpetrador e Vítima	.928	3.479	>.05
Perpetrador e Vítima	Nem Perpetrador nem vítima	-6.372*	1.931	.006
	Perpetrador	-10.696*	3.687	.024
	Vítima	-.928	3.479	>.05

*$p<0.05$

3. Análise da variação, ao nível do género, de valores de comportamentos abusivos, personalidade e vinculação

Procedemos, para a verificação de diferenças dos valores de média entre sexos, a um teste t para amostras independentes. Através da análise dos resultados obtidos podemos verificar que não existem evidências estatísticas que indiquem diferenças significativas entre a média total obtida pelos rapazes e raparigas, quer em termos de Perpetração ($t_{(312)}$=.397; p=.699) quer em termos de Vitimização ($t_{(312)}$=-.374; p=.709) (cf. Tabela 25).

Tabela 25. Diferenças de género relativamente à Perpetração e à Vitimização

	Sexo	Média	DP	t	p
	Feminino	21.18	2,598		
Perpetração				.387	.699
	Masculino	21.07	2.632		
	Feminino	21.44	3.340		
Vitimização				-.374	.709
	Masculino	21.59	3.458		

Procedemos, de seguida, à análise de possíveis diferenças significativas entre as médias obtidas por ambos os sexos nos cinco grandes traços de personalidade. Os resultados indicam não haver diferenças estatisticamente significativas nas médias obtidas pela amostra feminina e masculina somente no traço Intelecto-Sofisticação ($t_{(312)}$=-.180; p=.857). Nos restantes quatro traços verificaram-se diferenças estatisticamente significativas, as quais analisaremos de seguida.

Relativamente à Extroversão, verificam-se diferenças significativas nos valores de média ($t_{(312)}$=2.908; p=.004), sendo que as raparigas (M= 31.55; DP=4.534) obtêm valores mais elevados do que os rapazes (M=29.98; DP=4.817). Também no traço de Agradabilidade se obtiveram diferenças significativas ($t_{(312)}$ =5.442; p=.000), pontuando as raparigas (M=39.29; DP=4.621) novamente mais do que os rapazes (M=36.39; DP=4.518). A seguinte diferença significativa é relativa às médias do traço de Conscienciosidade ($t_{(284)}$ =1.990; p=.048), onde se verifica que as raparigas (M=35.03; DP=4.835) pontuam, mais que os rapazes (M=34.03; DP=4.016) e, por fim, o traço de Estabilidade Emocional ($t_{(312)}$=-3.240; p=.001), onde, contrariamente aos outros traços onde se verificaram diferenças significativas, os rapazes (M=31.46; DP=6.035) pontuaram mais do que as raparigas (M=29.24; DP=5.806) (cf. Tabela 26).

Tabela 26. Diferenças de género relativas às pontuações obtidas nos cinco grandes traços da personalidade

	Sexo	Média	DP	t	p
Extroversão	Feminino	31.55	4.534	2.908	.004*
	Masculilno	29.98	4.817		
Agradabilidade	Feminino	39.29	4.621	5.442	.000*
	Masculino	36.39	4.518		
Conscienciosidade	Feminino	35.03	4.835	1.990	.048*
	Masculino	34.03	4.016		
Estabilidade Emocional	Feminino	29.24	5.806	-3.240	.001*
	Masculino	31.46	6.035		
Intelecto-Sofisticação	Feminino	35.15	4.841	-.180	.857
	Masculino	35.24	3.991		

*p<0.05

Decidimos analisar seguidamente a existência de diferenças significativas ao nível do sexo para a vinculação, tendo em conta os valores de escala total e das três subescalas. Os resultados indicam não haver diferenças significativas entre sexos para a subescala "Confiança e Proximidade Afectiva" ($t_{(312)}$=1.637; p=.103), nem para a subescala "Aceitação Mútua e Compreensão" ($t_{(312)}$=.527; p=.599) ou para a escala "Afastamento e Rejeição" ($t_{(312)}$=-1.953; p=.052). Também para a "Escala Total" não se verificaram diferenças significativas ($t_{(312)}$ =1.674; p=.095) (cf. Tabela 27).

Tabela 27. Diferenças de género relativas às pontuações obtidas nas dimensões da vinculação

	Sexo	Média	DP	t	p
Confiança e Proximidade Afectiva	Feminino	45.10	8.388	1.637	.103
	Masculino	43.53	7.970		
Aceitação Mútua e Compreensão	Feminino	25.05	3.857	.527	.599
	Masculino	24.81	3.986		
	Feminino	16.46	4.544		

Afastamento e Rejeição				-1.953	.052
	Masculino	17.50	4.721		
	Feminino	53.59	14.956		
Escala Total				1.674	.095
	Masculino	50.83	14.161		

4. Análise da relação entre o número de relações e a tendência para comportamentos abusivos

Considerámos ser ainda relevante, tendo em conta a investigação conduzida, verificar a existência ou inexistência de uma relação entre o número de relações e a ocorrência de comportamentos abusivos. Para esta análise recorremos à Correlação de Pearson.

Através dos resultados obtidos, podemos verificar que não existe uma relação significativa quer entre o número de relações e a Perpetração (r=.086; p=.127) quer entre o número de relações e a Vitimização (r=.102; p=.070). A única relação forte aqui encontrada refere-se à relação entre a perpetração e vitimização (r=.690; p=.000), na qual se depreende que com o aumento da Perpetração se verifica igualmente um aumento da Vitimização e vice-versa (cf. Tabela 28).

Tabela 28. Valores de correlação entre o número de relações e a vitimização e perpetração

	Número de Relações	Perpetração	Vitimização
Número de Relações	1.000		
Perpetração	.086	1.000	
Vitimização	.102	.690**	1.000

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

5. Análise da relação entre os cinco grandes factores da personalidade, as subescalas e escala total da vinculação, a perpetração e a vitimização

Utilizou-se, para o estudo das correlações inter-escalas, a correlação de Pearson. Ao nível da Perpetração, verificaram-se correlações significativas entre esta e a Vitimização (r=.690; p=.000), a Aceitação Mútua e Compreensão (r=-.194; p=.001), o Afastamento e Rejeição (r=.164; p=.003), a Escala Total do IPPA-R (r=-.123; p=.029) e ainda a Conscienciosidade (r=-.227; p=.000) e a Estabilidade Emocional (r=-.140; p=.013). Relativamente à

Vitimização, além da correlação com a Perpetração, correlaciona-se ainda com a subescala Aceitação Mútua e Compreensão (*r*=-.164; *p*=.003), Afastamento e Rejeição (*r*=.154; *p*=.006) e, por fim, Estabilidade Emocional (*r*=-.124; *p*=.029). Relativamente à Extroversão, verificam-se correlações desta com a Agradabilidade (*r*=.296; *p*=.000), com a Conscienciosidade (*r*=.171; *p*=.002), com o Intelecto-Sofisticação (*r*=.273; *p*=.000) e com todas as subescalas do IPPA-r, Confiança e Proximidade Afectiva (*r*=.163; *p*=.004), Aceitação Mútua e Compreensão (*r*=.148; *p*=.009) e Afastamento e Rejeição (*r*=-.156; *p*=.006), bem como a Escala Total (*r*=.180; *p*=.001). No que concerne à Agradabilidade, além da Extroversão, esta correlaciona-se com a Conscienciosidade (*r*=.296; *p*=.000), com o Intelecto-Sofisticação (*r*=.342; *p*=.000), a Confiança e Proximidade Afectiva (*r*=.233; *p*=.000), a Aceitação Mútua e Compreensão (*r*=.265; *p*=.000), o Afastamento e Rejeição (*r*=-.150; *p*=.008), e a Escala Total (*r*=.248; *p*=.000). Analisando agora a Conscienciosidade, além das correlações já referidas, verificam-se ainda correlações com o Intelecto-Sofisticação (*r*=.399; *p*=.000), com a Confiança e Proximidade Afectiva (*r*=.310; *p*=.000), com a Aceitação Mútua e Compreensão (*r*=.383; *p*=.000), com o Afastamento e Rejeição (*r*=-.311; *p*=.000), e com a Escala Total (*r*=.374; *p*=.000). No que concerne a Estabilidade Emocional, esta correlaciona-se com a Confiança e Proximidade Afectiva (*r*=.116; *p*=.040), Aceitação Mútua e Compreensão (*r*=.244; *p*=.001), Afastamento e Rejeição (*r*=-.198; *p*=.000) e com a Escala Total do IPPA-r (*r*=.192; *p*=.001). O Intelecto-Sofisticação, além das correlações já referidas, correlaciona-se com a Aceitação Mútua e Compreensão (*r*=.142; *p*=.011). Já a Confiança e Proximidade Afectiva correlaciona-se com as outras subescalas pertencentes ao mesmo inquérito, a Aceitação Mútua e Compreensão (*r*=.668; *p*=.000) e o Afastamento e Rejeição (*r*=-.585; *p*=.000), bem como a Escala Total (*r*=.923; *p*=.000) do mesmo inquérito. A Aceitação Mútua e Compreensão correlaciona-se com o Afastamento e Rejeição (*r*=-.652; *p*=.000) e a Escala Total (*r*=.846; *p*=.000). Por último, o Afastamento e Rejeição correlaciona-se com a Escala Total (*r*=-.817; *p*=.000). Em todos estes convém não esquecer todas as correlações já referenciadas anteriormente para os mesmos itens (cf. Tabela 29 Anexos).

6. Análise das diferenças para os sexos relativamente a serem vítimas de violência na infância e assistirem a violência entre as figuras cuidadoras

Para a análise da relação entre o sexo masculino e o sexo feminino e os inquiridos serem vítimas de violência na infância ou assistirem a violência entre as figuras de vinculação recorremos ao teste de independência do Qui-Quadrado. Atendendo aos resultados obtidos, pudemos verificar que, relativamente a ter sido vítima de violência na infância, houve uma diferença significativa entre rapazes e raparigas ($\chi^2_{(1)} = 5.099$; *p*=.024), sendo que foram os rapazes os que mais foram vítimas. Estes apresentam ainda uma probabilidade acrescida, relativamente às raparigas, de .43% de serem vítimas. Relativamente à condição de ser vítima de forma recorrente, não se

verificaram diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2_{(1)}$ =.082; p =.775).

Tomando agora em consideração a variável "assistir a violência entre as figuras cuidadoras", não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($\chi^2_{(1)}$ =.005; p =.946), condição que se manteve quando analisámos os casos em que esta era recorrente ($\chi^2_{(1)}$ =.587; p=.443).

7. Análise das diferenças das médias entre Assistir a Violência entre as Figuras Cuidadoras na Infância e Vitimização, Perpetração, Personalidade e Vinculação

Analisámos seguidamente a variação do valor das médias obtidas nas escalas para a condição "assisti a violência" e "não assisti a violência", utilizando para este fim o teste t para duas amostras independentes. Considerando, em primeiro lugar, a vitimização, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo que assistiu a violência e o grupo que não assistiu ($t_{(61)}$ =3.112; p=.003), sendo que o grupo que assistiu a violência pontua mais alto na vitimização (M=23.34; *DP*=5.248) do que o grupo que não assistiu a violência (M=21.10; *DP*=2.669).

Relativamente à perpetração, encontramos igualmente uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos ($t_{(60)}$=3.019; p=.004), sendo que, também nesta relação, o grupo que assistiu a violência (M=22.61; *DP*=4.335) pontua mais alto do que o grupo que não assistiu (M=20.82; *DP*=1.920) (cf. Tabela 29).

Tabela 29. Diferenças das médias obtidas na condição de perpetração e vitimização para a categoria "Assistir a violência entre as figuras cuidadoras"

	Assistiu a violência	Média	DP	t	p
Vitimização	Assistiu	23.34	5.248	3.112	.003*
	Não assistiu	21.10	2.669		
Perpetração	Assistiu	22.61	4.335	3.019	.004*
	Não assistiu	20.82	1.920		

*p<0.05

Analisando agora as diferenças nas médias entre os cinco grandes traços e a condição de ter ou não assistido a violência entre as figuras cuidadoras, podemos verificar que somente no traço Conscienciosidade se verifica uma relação estatisticamente significativa ($t_{(312)}$=-2.026; p=.044) entre o grupo que assistiu a violência (M=33.54; *DP*=4.828) e o que não assistiu (M=34.89; *DP*=4.475), verificando-se que o grupo que não assistiu a violência obteve pontuações mais elevadas neste traço do que o grupo que assistiu. Relativamente aos restantes traços, Extroversão ($t_{(312)}$=-.554; p=.580), Agradabilidade ($t_{(69)}$=-.996; p=.337), Estabilidade Emocional ($t_{(312)}$=-1.175; p=.241) e Intelecto-Sofisticação ($t_{(312)}$=-.076; p=.939) não se verificaram

diferenças estatisticamente significativas (cf. Tabela 30).

Tabela 30. Diferenças das médias obtidas nos cinco traços da personalidade para a categoria "Assistir a violência entre as figuras cuidadoras"

	Assistiu a violência	Média	DP	t	p
Extroversão	Assistiu	30.64	4.719	-.554	.580
	Não assistiu	31.03	4.700		
Agradabilidade	Assistiu	37.52	5.960	-.996	.337
	Não assistiu	38.33	4.493		
Conscienciosidade	Assistiu	33.54	4.828	-2.026	.044*
	Não assistiu	34.89	4.475		
Estabilidade Emocional	Assistiu	29.23	6.718	-1.175	.241
	Não assistiu	30.27	5.808		
Intelecto-Sofisticação	Assistiu	35.14	5.050	-.076	.939
	Não assistiu	35.19	4.422		

*p<0.05

Fazendo referência agora à diferença de médias, para a escala e subescalas da vinculação, nos grupos que assistiram e não assistiram a violência entre as figuras cuidadoras, é possível verificar que em todas existem diferenças estatisticamente significativas. Começando a análise pela subescala da Confiança e Proximidade Afectiva ($t_{(312)}$=-5.209; p=.000), verifica-se que os sujeitos que assistiram a violência (M=39.50; DP=8.347) pontuam menos nesta subescala do que os que não assistiram (M=45.59; DP=7.838). De igual modo, tendo em conta a subescala Aceitação Mútua e Compreensão ($t_{(67)}$=-4.221; p=.000), verificou-se que os sujeitos que assistiram a violência (M=22.55; DP=4.928) obtiveram uma cotação inferior à dos que não assistiram a violência (M=25.48; DP=3.437) (cf. Tabela 21). Na subescala Afastamento e Rejeição, onde também se verificam diferenças significativas ($t_{(312)}$=4.885; p=.000), o grupo de sujeitos que obteve maior cotação (M=19.50; DP=5.145) foi o grupo que assistiu a violência, em comparação com o grupo que não assistiu (M=16.28; DP= 4.314), que obteve valores inferiores. No que concerne à Escala Total ($t_{(312)}$=-5.946; p=.000), foram os sujeitos pertencentes à condição que nunca assistiu a violência (M=54.79; DP=13.725) aquele que obteve cotação mais elevada e os sujeitos pertencentes à condição que assistiu a violência (M=42.55; DP=14.992) os que obtiveram cotação mais baixa (cf. Tabela 31).

Tabela 31. Diferenças das médias obtidas nas subescalas e escala total da vinculação para a categoria "Assistir a violência entre as figuras cuidadoras"

	Assistiu a violência	Média	DP	t	p
Confiança e Proximidade Afectiva	Assistiu	39.50	8.347	-5.209	.000*
	Não assistiu	45.59	7.838		
Aceitação Mútua e Compreensão	Assistiu	22.55	4.928	-4.221	.000*
	Não assistiu	25.48	3.437		
Afastamento e Rejeição	Assistiu	19.50	5.145	4.885	.000*
	Não assistiu	16.28	4.314		
Escala Total	Assistiu	42.55	14.992	-5.946	.000*
	Não assistiu	54.79	13.725		

*p<0.05

8. Análise das diferenças das médias entre Vitimização, Perpetração, Personalidade e Vinculação e ser Vítima de Maus Tratos por parte das Figuras Cuidadoras na Infância

Para a análise das diferenças entre as médias, tal como no caso anterior, foi utilizado o teste *t* para amostras independentes. Iniciou-se esta análise investigando, em primeiro lugar, as diferenças das médias para a condição Perpetração e Vitimização. Verificámos, com os resultados obtidos, que não houve diferenças estatisticamente significativas quer para a condição Perpetração ($t_{(312)}$=1.470; p=.142), quer para a condição Vitimização ($t_{(312)}$=.336; p=.737) (cf. Tabela 32).

Tabela 32. Diferenças das médias obtidas na condição de perpetração e vitimização para a categoria "Vítima de maus tratos por parte das figuras cuidadoras"

	Vítima de violência	Média	DP	t	p
Vitimização	Vítima	21.69	2.306	.336	.737
	Não vítima	21.48	3.484		
Perpetração	Vítima	21.78	2.498	1.470	.142
	Não vítima	21.07	2.614		

Analisando seguidamente as diferenças nas médias para os cinco traços de personalidade, verificou-se que ao nível da Extroversão ($t_{(312)}$=.648; p=.518) não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre o grupo que foi vítima e o grupo que não foi, sendo que o mesmo caso se processou ao nível da Agradabilidade ($t_{(35)}$=-.415; p=.681). Já no traço da Conscienciosidade verificaram-se diferenças significativas nos valores das médias ($t_{(312)}$=-2.339; p=.020), sendo que o grupo que foi vítima obteve valores inferiores (M=31.50; DP=4.197) relativamente ao grupo que não foi vítima (M=33.13; DP=3.848). Relativamente aos restantes traços, os resultados indicam que não se verificam diferenças significativamente estatísticas que ao nível da Estabilidade Emocional ($t_{(34)}$=-.036; p=.971) quer ao nível do Intelecto-Sofisticação ($t_{(34)}$=1.072; p=.291) (cf. Tabela 33).

Tabela 33. Diferenças das médias obtidas nos cinco traços da personalidade para a categoria "Vítima de maus tratos por parte das figuras cuidadoras"

	Vítima de violência	Média	DP	t	p
Extroversão	Vítima	31.47	4.919	.648	.518
	Não vítima	30.90	4.678		
Agradabilidade	Vítima	36.72	5.126	-.415	.681
	Não vítima	37.14	3.959		
Conscienciosidade	Vítima	31.50	4.197	-2.339	.020*
	Não vítima	33.13	3.848		
Estabilidade Emocional	Vítima	27	4.421	-.036	971
	Não vítima	27.16	3.252		
Intelecto-Sofisticação	Vítima	35.22	4.309	1.072	.291
	Não vítima	34.33	3.153		

*p<0.05

Analisando, por último, as diferenças nas subescalas e escala total da vinculação, verifica-se que em todas existem diferenças estatisticamente significativas. Na subescala Confiança e Proximidade Afectiva verificaram-se então diferenças estatisticamente significativas ($t_{(312)}$=-4.971; p=.000), nas quais se verifica que o grupo que foi vítima de violência (M=37.88; DP=8.511) obteve uma cotação inferior ao grupo que não foi vítima (M=45.26: DP=7.895). O mesmo se verificou na Aceitação Mútua e compreensão ($t_{(35)}$=-3.329; p=.000), onde também o grupo que foi vítima cotou menos (M=22.28; DP=4.907) que o grupo que não foi vítima (M=25.26;

DP=3.660). Já para a subescala Afastamento e Rejeição ($t_{(312)}$=4.246; *p*=.000), as diferenças foram contrárias, onde o grupo que foi vítima obteve um valor mais elevado na cotação (M=20.06; DP=5.267) do que o grupo que nunca foi vítima (M=16.49; DP=4.420). Por fim, ao nível dos valores para a escala total, também se verificam, como dito, diferenças estatisticamente significativas ($t_{(312)}$=-5.294; *p*=.000), onde, novamente, o grupo das vítimas (M=40.09; DP=15.432) obteve cotações inferiores ao grupo que não foi vítima (M=54.02; DP=13.952) (cf. Tabela 34).

Tabela 34. Diferenças das médias obtidas nas subescalas e escala total da vinculação para a categoria "Vítima de maus tratos por parte das figuras cuidadoras"

	Vítima de violência	Média	DP	t	p
Confiança e Proximidade Afectiva	Vítima	37.88	8.511	-4.971	.000*
	Não vítima	45.26	7.895		
Aceitação Mútua e Compreensão	Vítima	22.28	4.907	-3.329	.000*
	Não vítima	25.26	3.660		
Afastamento e Rejeição	Vítima	20.06	5.267	4.246	.000*
	Não vítima	16.49	4.420		
Escala Total	Vítima	40.09	15.432	-5.294	.000*
	Não vítima	54.02	13.952		

*p<0.05

9. A personalidade e a vinculação enquanto constructos explicativos da variância dos comportamentos abusivos nas relações íntimas.

Para investigar qual a variância explicada pelas variáveis aqui presentes para a Perpetração e para a Vitimização, recorremos a uma Regressão Múltipla. Através dos resultados obtidos, verificámos que o modelo para a Perpetração aqui proposto é significativo (*F*=5.249; *p*= .000), explicando 9.8% (R^2=.098) da variável em causa. Dentro deste modelo, a variável que melhor explica a Perpetração é a Conscienciosidade (*B*=-.237; *t*=-3.799; *p*=.000) (cf. Tabela 35).

Tabela 35. Valores dos Coeficientes de Regressão para a análise do modelo proposto relativo à Perpetração

F	*p*		*B*	*t*	*p*
		Extroversão	.094	1.618	.107
		Agradabilidade	-.016	-.257	.797
		Conscienciosidade	-.237	-3.799	.000*
		Estabilidade Emocional	-.090	-1.587	.114
4.065	.000*	Intelecto-Sofisticação	.110	1.806	.072
		Confiança e Proximidade Afectiva	.200	2.654	.008*
		Aceitação Mútua e Compreensão	-.188	-2.227	.027*
		Afastamento e Rejeição	.081	1.085	.279

p<0.05

Criámos, igualmente, um modelo explicativo para a Vitimização incluindo as mesmas variáveis. Os resultados obtidos indicam que o modelo também é significativo (*F*=2.698; *p*=.007), explicando 4.2% da sua variação (r^2=0.042). Dentro da Vitimização, é a Aceitação e Compreensão Mútua o factor que maior poder explicativo possui (*B*=-.207; *t*=-2.386; *p*=.018) (cf. Tabela 36).

Tabela 36. Valores dos Coeficientes de Regressão para a análise do modelo proposto relativo à Vitimização

F	*p*		B	t	p
		Extroversão	.048	.800	.424
		Agradabilidade	.027	.431	.667
		Conscienciosidade	-.023	-.362	.718
		Estabilidade Emocional	-.064	-1.083	.280
4.065	.000*	Intelecto-Sofisticação	.081	1.290	.198
		Confiança e Proximidade Afectiva	.171	2.198	.029*
		Aceitação Mútua e Compreensão	-.207	-2.386	.018*
		Afastamento e Rejeição	.112	1.450	.148

p<0.05

V - Discussão

Tendo em conta que, por um lado, sujeitos seguros tendem a ter relações mais duradouras (Hazan & Shaver, 1987), que sujeitos inseguros (principalmente num padrão vinculativo inseguro ambivalente) têm tendência a ingressar e terminar relações com maior frequência (Mayseless, 1991) e que os comportamentos abusivos são mais característicos dos sujeitos com um padrão de vinculação insegura (Holtzworth-Munroe, Stuart & Hutchinson,

1997; Mikulincer & Shaver, 2007), procedemos à análise de uma possível relação entre o número de relações e a prevalência de comportamentos abusivos. Concluímos que esta relação não é significativa, ao contrário do verificado noutros estudos (e.g. Bergman, 1992). A única relação significativa verificada neste campo prende-se à relação entre a Perpetração e a Vitimização, onde com o aumento de uma se verifica o aumento da outra.

Foi ainda realizada uma análise às diferenças de género nas variáveis observadas neste estudo. Através dos resultados obtidos, foi possível concluir que nesta amostra e no que concerne à Personalidade, as raparigas apresentam valores significativamente mais elevados de Extroversão, Agradabilidade e Conscienciosidade. Quanto aos rapazes, estes obtiveram valores significativamente mais elevados no traço de Estabilidade Emocional, parecendo ter sido todavia à vertente negativa deste, pelo que se pode assim dizer que os rapazes cotaram mais ao nível do Neuroticismo. Embora não tenha tido diferenças significativas, foram igualmente as raparigas que cotaram mais no restante traço de Intelecto-Sofisticação.

No que concerne à Vinculação, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas em qualquer das Subescalas e Escala Total, tendo sido, no entanto, as raparigas a terem maior pontuação nas subescalas Confiança e Proximidade Afectiva, Aceitação Mútua e Compreensão e Escala Total. Acrescendo ao facto de terem pontuado menos na subescala Afastamento e Rejeição, que é uma escala de afastamento dos pais; aparentemente as raparigas têm maior segurança na vinculação aos pais do que os rapazes. Os rapazes, além de terem pontuado mais nesta última subescala, parecem ter sido significativamente mais vítimas de violência na infância. Estas duas conclusões podem estar de algum modo relacionadas, uma vez que crianças que tenham sido vítimas de violência terão um padrão de vinculação mais inseguro para com os pais. Porém, esta conclusão deve ser tomada com precaução, tendo em conta as diferenças do tamanho das amostras entre a população masculina aqui presente e a população masculina que foi vítima de violência. No que toca a ter assistido a violência, não se verificam quaisquer diferenças significativas entre os sexos.

Ainda considerando as variáveis, "Vítima de violência na infância" e "Assistiu a violência na infância", procedemos a análises de comparação entre as médias, no sentido de verificar diferenças significativas quanto à Perpetração, Vitimização, Personalidade e Vinculação. Deste modo, e relativamente ao grupo de sujeitos que assistiu a violência na infância e o que não assistiu, é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas, sendo que o grupo que assistiu a violência pontuou mais, tanto ao nível da Perpetração como da Vitimização. Esta conclusão é suportada pelo estudo de Sjuka e Halford (2004), que verificaram que casais que assistiram a violência entre os pais na infância, mostram vulgarmente técnicas de manutenção dos conflitos menos adaptativas. Considerando que estas têm tendência a agravar com o tempo, é natural que, com a evolução da relação estes casais adoptem comportamentos abusivos como técnica de *coping* para o conflito. Igualmente, Dutton (2007) defende que crianças que assistem a violência entre os seus pais têm maior probabilidade de ingressar em relações

abusivas quando adultos, quer como perpetradores, quer como vítimas. Esta relação pode ser explicada pelo facto de, crianças que estão constantemente a assistir a comportamentos demarcados por afectos negativos, baixos níveis de empatia e técnicas de *coping* pouco adaptativas, podem tomar para si estes padrões, alterando ao longo do tempo as suas reacções emocionais, cognições e comportamentos (Margolin, 2005).

Considerando agora os traços de personalidade, o único destes onde se verificaram diferenças estatisticamente significativas foi no da Conscienciosidade, onde o grupo que não assistiu a violência obteve pontuações mais elevadas do que o grupo que assistiu a esses acontecimentos negativos. Isto pode-se explicar pelo facto de que, tendo em conta que a Conscienciosidade está associada a comportamentos empáticos (Lee-Baggley, Preece & Delongis, 2005), e assistir a violência está relacionada com a aprendizagem de comportamentos agressivos e pouco empáticos (Margolin, 2005), é natural que sujeitos que não assistam demonstrem maiores níveis de Conscienciosidade.

Esperávamos ainda, tendo em conta a literatura, encontrar diferenças no que toca, principalmente, à Estabilidade Emocional, uma vez que a vertente negativa deste traço (Neuroticismo) está amplamente relacionada com a violência (Bettencourt, Talley, Benjamin & Valentine, 2006), mas também à Agradabilidade, por funcionar como factor moderador dos gestos agressivos e violentos (Ode, Robinson e Wilkowski, 2008; Goldberg, 1992; Higgins & Snell, 2002; Bettencourt, Talley, Benjamin e Valentine, 2006), sendo que era esperado que o grupo que assistiu a violência pontuasse mais elevado na vertente negativa da Estabilidade Emocional e registasse valores mais baixos ao nível da Agradabilidade. Estas conclusões não se verificaram neste estudo.

No que toca à Vinculação, sujeitos que assistiram a violência obtiveram valores significativamente inferiores na subescala de Confiança e Proximidade Afectiva, Aceitação Mútua e Compreensão e Escala Total. Estas conclusões, aliadas ao facto de terem obtido valores significativamente mais elevados na Subescala de Afastamento e Rejeição, parecem confirmar a conclusão que jovens que assistiram a violência entre os pais apresentam maiores indícios de vinculação insegura do que aqueles que não assistiram. Estas conclusões estão de acordo com a sugestão de Margolin (2005), ou seja, que crianças que assistam a violência inter-parental, podem ter igualmente pais que estejam menos disponíveis para si emocionalmente.

Focando-nos agora no grupo de sujeitos que foi vítima de violência por parte dos pais, estes não apresentaram diferenças estatisticamente significativas quer para a Perpetração, quer para a Vitimização. Segundo Dutton (2007), pais violentos aumentam largamente a probabilidade de um sujeito ser abusivo, uma vez que é possível que aprendam os comportamentos abusivos por modelagem dos comportamentos abusivos dos pais (Oliveira & Sani, 2009), conclusão que não se verificou aqui. Porém, é necessário ter em conta que a amostra de sujeitos que foram vítimas de violência pelos pais é muito reduzida, o que põe a sua representatividade seriamente em causa.

Quanto aos resultados obtidos por estes sujeitos nos cinco traços de Personalidade, novamente somente a Conscienciosidade registou diferenças

significativas nos valores obtidos pelos dois grupos: vítima de violência e não-vítima de violência, sendo que os valores mais elevados foram obtidos pelo segundo grupo. Relativamente às diferenças na Vinculação, o grupo que foi vítima de violência por parte dos pais obteve valores significativamente inferiores em todas as Subescalas e Escala Total, exceptuando o Afastamento e Rejeição, indicando-nos que também este grupo vivenciou com os pais uma relação de menor confiança e aceitação, e se sentiu mais rejeitado e afastado dos pais, confirmando assim a literatura (Margolin, 2005) que defende que crianças vítimas de violência têm tendência a ter um padrão vinculativo mais inseguro. Congruentemente, verificou-se no estudo de Hazan e Shaver (1987), que indivíduos com vinculação segura têm tendência a relatar relações mais calorosas com os seus pais e a relatar uma relação mais saudável entre os mesmos.

Além destes dois grupos, investigámos a existência de diferenças entre os quatro grupos aqui criados, relativos ao papel na relação, ou seja, aqueles que nunca vivenciaram qualquer tipo de violência na relação (nem vítimas nem perpetradores), os perpetradores, as vítimas e os perpetradores e vítimas. Iniciando esta análise pela Personalidade, obtivemos diferenças estatisticamente significativas ao nível da Conscienciosidade e do Intelecto-Sofisticação. Na Conscienciosidade, verifica-se que aqueles que nunca foram Perpetradores ou Vítimas cotam significativamente mais do que os que são Perpetradores e Vítimas. Também obtivemos diferenças entre as Vítimas e os Perpetradores e Vítimas, sendo que as Vítimas obtiveram valores significativamente maiores do que o outro grupo. Estes resultados parecem indicar que a Conscienciosidade está associada a sujeitos que não são perpetradores, o que é confirmado pelo facto de sujeitos conscienciosos terem tendência a lidar com os conflitos ao nível das suas relações amorosas de forma sensível e empática (Lee-Baggley, Preece & Delongis, 2005). Curiosamente, embora não sejam diferenças significativas, as vítimas foram as que obtiveram valores superiores relativamente à Conscienciosidade, mesmo em comparação ao grupo que nunca vivenciou violência na relação. Tendo em conta que uma das características de elevados níveis de Conscienciosidade é a auto-culpabilização (Lee-Baggley, Preece & Delongis, 2005) é possível que estes valores se revelem desta forma, devido à submissão e culpabilização característica das vítimas de violência. Estes resultados vêm confirmar as conclusões de Higgins & Snell (2002), em que os autores verificaram que sujeitos mais conscienciosos tinham menor probabilidade de usar a violência perante as suas parceiras e que jovens mulheres com níveis superiores de Conscienciosidade tinham maior probabilidade de ter parceiros que usariam violência para com elas. Ao nível do Intelecto-Sofisticação, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o grupo que nunca foi Perpetrador nem Vítima e o que foi Perpetrador e Vítima, sendo que o primeiro obtém valores mais elevados deste traço. Este resultado pode ser explicado uma vez que, tomando em consideração que este traço se relaciona com a flexibilidade de pensamento, parceiros com valores mais elevados do mesmo terão maior capacidade de *coping*, adaptação e argumentação em contextos de conflito dentro do casal.

Quanto aos valores de Vinculação para estes grupos, verificaram-se diferenças não só nas Subescalas Aceitação Mútua e Compreensão e Afastamento e Rejeição, como também na Escala Total. Relativamente à Aceitação Mútua e Compreensão, verificámos diferenças significativas entre o grupo "Nem Perpetrador nem Vítima" e o grupo "Perpetrador e Vítima", bem como entre os grupos "Nem Perpetrador nem Vítima" e "Vítima", sendo que o primeiro obteve sempre cotações mais elevadas do que os restantes. Encontrámos ainda diferenças entre o grupo "Perpetrador e Vítima" e "Perpetrador", sendo que os perpetradores foram os que obtiveram maior pontuação. No que concerne à subescala Afastamento e Rejeição, obtiveram-se diferenças significativas entre os grupos "Nem perpetrador nem Vítima" e "Perpetrador e Vítima", bem como entre os grupos "Perpetrador" e "Perpetrador e Vítima". Entre os dois primeiros verificou-se que os que são perpetradores e vítimas têm níveis mais elevados de Afastamento e Rejeição relativamente aos pais do que os sujeitos que não são violentos nem vítimas nas suas relações. Entre os sujeitos que são perpetradores e os que são perpetradores e vítimas, verificou-se que os pertencentes à segunda categoria pontuam mais do que os pertencentes à primeira. Podemos assim concluir que, dos grupos aqui presentes, os que desempenham um papel tanto de vítima como de perpetrador, são os que obtêm maiores cotações de afastamento e rejeição relativos às figuras parentais. Por fim, analisando agora os valores obtidos na Escala Total, identificam-se diferenças significativas entre os que são perpetradores e vítimas e os que não o são, e entre os que são perpetradores e vítimas e os perpetradores. Entre os dois primeiros grupos, verifica-se que são os que pertencem à categoria "Nem perpetrador nem vítima" os que pontuam mais ao nível da Escala Total, o que parece indicar, de acordo com a literatura (Barrett, Greenwood & Pietromonaco, 2004; Machado, 2010; Buck, Emmelkamp, Leenaars & Marle, 2012; Hazan & Shaver, 1987), que sujeitos com um padrão de vinculação seguro terão menor tendência para ingressar em comportamentos abusivos nas relações. Comparando agora os sujeitos perpetradores e os que são perpetradores e vítimas, verifica-se que os sujeitos que são perpetradores obtêm uma cotação mais elevada do que aqueles que são perpetradores e vítimas, sugerindo, desta forma, que os sujeitos que são, além de perpetradores, igualmente vítimas nas suas relações, têm níveis de insegurança superiores ao que são somente perpetradores. No geral pode considerar-se que os sujeitos que são tanto vítimas como perpetradores são os que apresentam, comparativamente às outras condições, os valores de vinculação mais inseguros.

Realizámos ainda uma análise bivariada das relações entre as variáveis em estudo. Verificou-se que a Perpetração tem uma relação positiva com a Vitimização e com o Afastamento e Rejeição e negativa com a Conscienciosidade, Estabilidade Emocional e a Subescala Aceitação Mútua e Compreensão. Relativamente à Vitimização, verificou-se que, além da Perpetração, esta se relaciona de forma negativa com a Aceitação Mútua e Compreensão, Estabilidade Emocional e de forma positiva com o Afastamento e Rejeição.

Considerando os traços de Personalidade, verificou-se que que todos

os traços se relacionam de forma positiva entre si, excepto a Estabilidade Emocional. Este traço de Personalidade não mostrou qualquer relação significativa com nenhum dos outros. Relativamente às medidas da Vinculação, todas as Subescalas e Escala Total se relacionam entre si, sendo o Afastamento e Rejeição o único que apresenta uma relação negativa com todos os outros. No que toca às relações entre a Personalidade e a Vinculação, tanto a Extroversão, como a Agradabilidade, a Estabilidade Emocional e a Conscienciosidade se relacionam com todas as medidas da Vinculação, sendo o Afastamento e Rejeição a única relação que demonstra ser negativa. O Intelecto-Sofisticação relaciona-se somente com a Aceitação Mútua e Compreensão de forma positiva. Verifica-se assim que a Extroversão, a Agradabilidade, a Estabilidade Emocional e a Conscienciosidade são os traços que aqui se apresentam como associados de forma mais consistente com um padrão vinculativo seguro.

Verificou-se ainda se as variáveis aqui estudadas poderiam servir como preditores válidos num modelo explicativo da variância observada nos valores de Perpetração e Vitimização. Esta premissa revelou-se verdadeira tanto para a Perpetração como para a Vitimização, sendo no entanto os modelos testados pouco explicativos (somente 9.8% da variância para a Perpetração, sendo a Conscienciosidade o traço mais explicativo e 4.2% da variância da Vitimização, sendo a Aceitação Mútua e Compreensão a variável que melhor a explica).

VI - Conclusões

Averiguámos neste estudo a relevância das dimensões psicológicas de Personalidade e de Vinculação para a explicação da Perpetração e Vitimização na violência no namoro.

No que toca à Personalidade, encontrámos resultados interessantes no que toca à Conscienciosidade, que se revela aqui como a dimensão mais relevante para as diferenças entre os grupos estudados, estando os valores mais elevados de Conscienciosidade consistentemente associados a valores abusivos inferiores. Também o Intelecto-Sofisticação se revelou como moderador entre a vivência ou não de relações abusivas. No que concerne às diferenças nos restantes traços igualmente alvo de atenção nesta investigação, constatámos que estas não se mostraram significativas neste estudo.

Relativamente à Vinculação, verificou-se, como era esperado, que maior segurança ao nível vinculativo esteve constantemente relacionada com valores inferiores de comportamentos abusivos. Este dado, afinal, reforça a ideia de que, como indicado na literatura, uma relação saudável vivida na infância com as entidades parentais é um bom preditor para padrões relacionais saudáveis nos relacionamentos amorosos dos indivíduos na fase adulta.

Verificámos ainda que as variáveis da Personalidade e Vinculação se apresentam como preditores válidos num modelo explicativo para a Perpetração e para a Vitimização, embora a variância explicada por estes modelos tenha um valor reduzido.

Para investigações futuras há alguns aspectos que podem ser tomados em conta no sentido de obter conclusões mais relevantes para a comunidade científica.

Em primeiro lugar, e considerando que esta estrutura de estudo não visa a população clínica, consideramos ser vantajoso obter, em investigações futuras, uma amostra mais numerosa, no sentido de obter conclusões mais consistentes, representativas e confiáveis, contando com uma população mais numerosa de sujeitos que vivenciem ou tenham vivenciado relações violentas.

Adicionalmente, as idades dos sujeitos presentes desta amostra, embora se situem entre os 18 e os 30 anos, encontram-se relativamente concentradas entre os 18 e os 21 anos. Tendo em conta que diferentes idades representam diferentes exigências (tanto no nível social como no nível relacional) (Chen e College, 2000), consideramos que seria vantajoso encontrar, numa investigação deste género, uma distribuição de idades mais equilibrada, no sentido de poder usar esta mesma variável para retirar conclusões sobre as diferenças etárias entre os sujeitos. A mesma observação é igualmente válida ao nível de habilitações. Seria interessante verificar até que ponto as variáveis aqui estudadas sofrem igualmente uma variação tendo em conta as habilitações literárias dos indivíduos, uma vez que a amostra aqui ilustrada representa maioritariamente elementos pertencentes ao ensino superior.

A mesma distribuição seria vantajosa relativamente ao número de indivíduos presentes em cada condição da variável "Papel na Relação" (Nem perpetrador, nem vítima, Perpetrador, Vítima e Perpetrador e vítima), pois acreditamos que acresceria mais diferenças significativas nos valores obtidos por estes grupos.

Adicionalmente, tendo em conta que os resultados ao nível da Personalidade não foram tão fortes quanto o esperado, seria vantajoso para os resultados de um estudo deste formato, ou a utilização de um inquérito diferente para a recolha dos dados relativos à Personalidade, ou uma versão revista do IPIP.

Apesar das limitações aqui apresentadas, consideramos que este estudo representa uma mais-valia no estudo da interacção entre a Personalidade e a Vinculação nas relações abusivas e não-abusivas, sendo este um campo ainda relativamente pouco explorado e que nos parece ser bastante promissor ao nível do estudo dos processos abusivos.

Bibliografia

Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A psychological study of the strange situation*. Oxford: Lawrence Erlbaum.

Anderson, C. & Bushman, B. (2002). *Human Aggresion*. Acedido em 16/5/2013, em http://www.psychology.iastate.edu/faculty/caa/abstracts/2000-2004/02AB.pdf.

Archer, J. (2000). Sex Differences in Aggression Between Heterosexual Partners: A Meta-Analytic Review. *Psychological Bulletin*, 126, 651-680.

Asendorpf, J. & Wilpers, S. (1998). Personality Effects on Social Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74 (6), 1531-1544.

Babcock, J., Waltz, J., Jacobson, N., & Gottman, J. (1993). Power and Violence: The Relation Between Communication Patterns, Power Discrepancies, and Domestic Violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61 (1), 40-50.

Bailey, S. & Whittle, N. (2004). Young People: Victims of Violence. Child and Adolescent Psychiatry, 17, 263-268.

Barelds, D. (2005). Self and Partner Personality in Intimate Relationships. *European Journal of Personality*, 19, 501-518.

Barrett, L., Greenwood, D. & Pietromonaco, P. (2004). Conflict in Adult Close Relationships: An Attachment Perspective. In W. Rholes & J. Simpson (Eds.), *Adult Attachment: theory, research, and clinical implications* (267-299). New York: The Guilford Press.

Barroso, Z. (2008). Violência nas Relações Amorosas. *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, (pp. 1-11). Lisboa.

Bergman, L. (1992). Dating Violence among High School Students. *Social Work*, 37 (1), 21-27.

Bettencourt, B., Talley, A., Benjamin, A. & Valentine, J. (2006). Personality and Aggressive Behavior under Provoking and Neutral Conditions: A Meta-Analytic Review. *Psychological Bulletin*, 132 (5), 751-777.

Bolger, N. & Zuckerman, A. (1995). A Framework for Studying Personality in the Stress Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (5), 890-902.

Buck, N., Emmelkamp, P., Leenaars, P. & van Marle, H. (2012). Explaining the Relationship between Insecure Attachment and Partner Abuse: The Role of Personality Characteristics. *Journal of Interpersonal Violence*, 27 (16). 3149-3170.

Campa, M., Gur-Yaish, N. & Hazan, C. (2004). What Does It Mean to Be Attached?.In W. Rholes & J. Simpson (Eds.), *Adult Attachment: theory,*

research, and clinical implications (55-85). New York: The Guilford Press.

Capaldi, D. & Kim, H. (2007). Typological approaches to violence in couples: A critique and alternative conceptual approach. *Clinical Psychology Review*, 27, 253-265.

Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na Intimidade Juvenil: Da Vitimação à Perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 485-493.

Chen, L. & College, H. (2000). *Personality Traits of Individuals with Different Adult Attachment Styles and its Implications*. Acedido em 4/5/2013, em http://luyichen.com/pdf/Personality_Attachment.pdf.

Clark, L., McEwen, J. & Vorhies, L. (1993). Personality Disorder. In P. Costa & T. Widiger (Eds.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (95-116). Washington DC: American Psychological Association.

Costa, P. & McRae, R. (1992) The Five-Factor Model of Personality and Its Relevance to Personality Disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6 (4), 343-359.

Costa, P. & Widiger, T. (1993). Introduction: Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality. In P. Costa & T.Widiger (Eds.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (1-10). Washington DC: American Psychological Association.

Costa, P. Jr., & McRae, R. (1992). The Five-Factor Model of Personality and its Relevance to Personality Disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6 (4), 343-359.

Daffern, M. & Howells, K. (2009). The Function of Aggression in Personality Disordered Patients. *Journal of Interpersonal Violence*, 24 (4), 586-600.

Dixe, M., Rodrigues, A., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M. & Dias, T. (2010). *A Violência de Género na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior: Práticas e Comportamentos de Violência*. Acedido em 5/2/2013, em https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/334.

Donnellan, M., Trzesniewski, K., Robins, R., Moffitt, T. & Caspi, A. (2005). Low Self-Esteem is related to Aggression, Antisocial Behavior, and Delinquency. *Psychological Science*, 16 (4), 328-335.

Dutton, D. (2007). *The Abusive Personality: Violence and Control in Intimate Relationships*. (2nd Ed). New York: The Guilford Express.

Egan, V. (2008). The 'Big Five': Neuroticism, Extraversion, Openness, Agreeableness and Conscientiousness as an Organizational Scheme for thinking about Aggression and Violence. In M. McMurran & R. Howard (Eds.) *Personality, Personality Disorder and Violence*. UK: John Wiley and Sons, Ltd.

Feeney, J. (1999). Adult Attachment, Emotional Control and Marital Satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169-185.

Feeney, J. (2004). Adult Attachment and Relationship Functioning under Stressful Conditions: Understanding Partners' Responses to Conflict and Challenge. In W. Rholes & J. Simpson (Eds.), *Adult Attachment: theory, research, and clinical implications* (339-364). New York: The Guilford Press.

Feldman, R., Olds, S. & Papalia, D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill.

Fonseca, A. (1993). Nível de Desenvolvimento Moral, Empatia e Delinquência Juvenil. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 2, 175-194.

Goldberg, L. (1992). The Development of Markers for the Big-Five Factor Structure. *Psychological Assessment*, 4 (1), 26-42.

Gómez, A. (2011). Testing the Cycle of Violence Hypothesis: Child Abuse and Adolescent Dating Violence as Predictors of Intimate Partner Violence in Young Adulthood. *Youth & Society*, 43 (1), 171-192.

Greenberg, M. (2009). *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA).* Acedido em 2/8/2013, em http://prevention.psu.edu/pubs/documents/IPPAmanual0809.pdf.

Gullone, E. & Robinson, K..(2005). The Inventory of Parent and Peer Attachment – Revised (IPPA-R) for Children: A Psychometric Investigation. *Clinical Psychology and Psychotherapy*. Vol. 12 (67-79). Acedido em 14/6/2013, em http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/cpp.433/.

Halpern-Meeking, S., Manning, W., Giordano, P. & Longmore, M. (2013). Relationship Churning, Physical Violence, and Verbal Abuse in Young Adult Relationships. *Journal of Marriage and Family*, 75 (1), 2-12.

Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.

Herrera, V., Wiersma, J. & Cleveland, H. (2008). The Influence of Individual and Partner Characteristics on the Perpetration of Intimate Partner Violence in Young Adult Relationships. *Journal of Youth and Adolescence*,

37 (3), 284-296.

Higgins, M. & Snell, W. (2002). Chapter 11: Personality traits and university students' relationship abuse. In W. E. Snell, Jr (Ed.), *New directions in the psychology of intimate relations: Research and theory*. Cape Girardeau, MO: Snell Publications.

Higgins, M. & Snell, W. (2002). Personality traits and university students' relationship abuse. In W. Snell (Ed.) *New Directions in the Psychology of Intimate Relations: Research and Theory*. Cape Girardeau, MO: Snell Publications.

Holmes, B. & Johnson, K. (2009). Adult attachment and romantic partner preference: A review. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26 (6-7), 833-852.

Holtzworth-Munroe, A., Stuart, G., & Hutchinson, G. (1997). Violent versus Nonviolent Husbands: Differences in Attachment Patterns, Dependency and Jealousy. *Journal of Family psychology*, 11(3), 314-331.

Huntz, C., Nunes, C., Silveira, A., Serra, J., Anton, M., & Wieczorek, L. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes factores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol. 11 N.2, Porto Alegre. Acedido a Abril 27, 2013, em www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-79721998000200015&script=sci_arttext

Kaura, S. & Allen, C. (2004). Dissatisfaction with Relationship Power and Dating Violence Perpretration by Men and Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 19 (5), 576-588.

Keenan-Miller, D., Hammen, C. & Brennan, P. (2007). Adolescent Psychosocial Risk Factors for Severe Intimate Partner Violence in Young Adulthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75 (3), 456-463.

Kesner, J., Julian, T. & McKenry, P. (1997). Application of Attachment Theory to Male Violence Toward Female Intimates. *Journal of Family Violence*, 12 (2), 211-228.

Kobak, R. (2008). The Emotional Dynamics of Disruptions in Attachment Relationships: Implications for Theory, Research and Clinical Intervention. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (21-43). New York: The Guilford Press.

Laureano, R. (2011). *Testes de Hipóteses como o SPSS: O meu manual de consulta rápida.* Lisboa: Edições Sílabo.

Laursen, B., Pulkkinen, L. & Adams, R. (2002). The Antecedents and Correlates of Agreeableness in Adulthood. *Developmental Psychology*, 38 (4), 591-603.

Lee-Baggley, D., Preece, M. & DeLongis, A. (2005). Coping with Interpersonal Stress: Role of Big Five Traits. *Journal of Personality*, 73 (5), 1141-1180.

Livesley, W., Schroeder, M. & Wormworth, J. (1993). Dimensions of Personality Disorder and the Five-Factor Model of Personality. In Costa, P. & Widiger, T (Eds.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (117-127). Washington DC: American Psychological Association.

Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. Journal of Family Violence, 25, 43-52.

Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M.. (2006). *Manual da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (E.C.V.C.) e do Inventário Violência Conjugal (I.V.C.)*. (2ª Ed.). Braga: Psiquilibrios.

Machado, T. & Figueiredo, T. (2010). Vinculação a Pais e Professores: estudos com o IPPA-R para crianças do ensino básico. *Psychologica*, 53, 27-45.

Machado, T. & Figueiredo, T. (2010). Vinculação a Pais, Pares e Professores – estudos com o *IPPA-R* para crianças do ensino básico. *Psychologica*, 53, 27-45.

Machado, T. & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em Adolescentes Portugueses: O Estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6 (1), 97-115.

Machado, T. (2007). Padrões de Vinculação aos Pais em Adolescentes e Jovens Adultos e Adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.

Marcus, R. (2012). Patterns of Intimate Partner Violence in Young Adult Couples: Nonviolent, Unilaterally Violent, and Mutually Violent Couples. *Violence and Victims*, 27 (3), 299-314.

Margolin, G. (2005). Children's Exposure to Violence: Exploring Developmental Pathways to Diverse Outcomes. *Journal of Interpersonal Violence*, 20 (1), 72-81.

Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS*. (2ª Ed.).

Lisboa: Edições Sílabo.

Mayseless, O. (1991). Adult Attachment Patterns and Courtship Violence. *Family Relations*, 40 (1), 21-28.

McAdams, D. (1984). Human Motives and Personal Relationships. In D. Valerian (Ed.), Communication, Intimacy and Close Relationships (41-70). Orlando: Academic Press.

McCarthy, C., Boettcher, h., Lieberman, R., Russell, B. & Mosbacher, M. (2012). Attachment Style Predicts Anxiety in Undergraduates' Romantic Relationships. *Indiana University Undergraduate Journal of Cognitive Science*, 7, 44-53.

Meier, B., Robinson, M. & Wilkowski, B. (2006). Turning the other cheek: Agreeableness and the regulation of Aggression-Related Primes. *Psychological Science*, 17 (2), 136-142.

Mikulincer, M. & Shaver, P. (2007). *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change*. New York: The Guilford Press.

Noftle, E. & Shaver, P. (2005). Attachment dimensions and the big five personality traits: Associations and comparative ability to predict relationship quality. *Journal of Research in Personality*, 40, 179-208.

Ode, S., Robinson, M. & Wilkowski, B. (2008). Can One's Temper Be Cooled?: A Role for Agreeableness in Moderating Neuroticism's Influence on Anger and Aggression. *Journal of Research in Personality*, 42 (2), 295-311.

Oliveira, M. & Sani, A. (2009). A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170.

Pallant, J. (2002). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12).* (2ª Ed.). Sydney: Allen & Unwin.

Pestana, M. & Gageiro, J. (2008). Análise de dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS. (5º Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Reed, E., Silverman, J., Raj, A., Rothman, E., Decker, M., Gottlieb, B., Molnar, B. & Miller, E. (2008). Social and Environmental Contexts of Adolescent and Young Adult Male Perpetrators of Intimate Partner Violence: A Qualitative Study. American Journal of Men's Health, 2 (3), 260-271.

Rholes, W. & Simpson, J. (2004). Attachment Theory: Basic Concepts

and Comtemporary Questions. In W. Rholes & J. Simpson (Eds.), *Adult Attachment: theory, research, and clinical implications* (3-14). New York: The Guilford Press.

Rholes, W., Simpson, J. & Oriña, M. (1999). Attachment and Anger in an Anxiety-Provoking Situation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76 (6), 940-957.

Rogers, W., Bidwell, J. & Wilson, L. (2005). Perception of and Satisfaction with Relationship Power, Sex, and Attachment Styles: A Couple Level Analysis. *Journal of Family Violence*, 20 (4), 241-251.

Schwartz, J., Waldo, M. & Daniel, D. (2005). Gender-Role Conflict and Self-Esteem: Factors Associated with Partner Abuse in Court-Referred Men. *Psychology of Men & Masculinity*, 6 (2), 109-113.

Simpson, J., Rholes, W. & Phillips, D. (1996). Conflict in Close Relationships: An Attachment Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (5), 899-914.

Skuja, K. & Halford, W. (2004). Repeating the Errors of our Parents? : Parental Violence in Men's Family of Origin and Conflict Management in Dating Couples. *Journal of Interpersonal Violence*, 19 (6), 623-638.

Teeruthroy, V. & Bhowon, U. (2012). Romantic Relationships among Young Adults: An Attachment Perspective. *International Journal of Humanities and Social Science*, 2 (10), 145-155.

Tweed, R. & Dutton, D. (1998). A Comparison of Impulsive and Instrumental Subgroups of Batterers. *Violence and Victims*, 13 (3), 217-230.

Voller, E. & Long, P. (2010). Sexual Assault and Rape Perpetration by College Men: The Role of the Big Five Personality Traits. *Journal of Interpersonal Violence*, 25 (3), 457-480.

Widiger, T. (1993). Conceptualizing a Disorder of Personality from the Five-Factor Model. In Costa, P. & Widiger, T (Eds.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (311-317). Washington DC: American Psychological Association.

Anexos

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Sexo: F ☐ M ☐

Idade:_____

Natural de: _____
Nacionalidade:_____

Situação Laboral:_____

Estudante de:_____
(se estiver no secundário, indique o ano que frequenta)

Faculdade:_____

Universidade:_____

Trabalhador a tempo inteiro ☐ Trabalhador a Part-time ☐

Desempregado ☐ Trabalhador-Estudante ☐

Estado Civil:

Solteiro(a) ☐ Num Relacionamento ☐

Casado(a) ☐ União de Facto ☐

Já esteve nalguma relação? Sim ☐ Não ☐
(Se não, pode parar por aqui o seu questionário)

Quantas relações já teve (incluindo a actual, se tiver)? _____

Relativamente ao seu crescimento:

Com quem cresceu:

Pais ☐ Avós ☐ Tios ☐

☐ Outros familiares ou figuras (Quem?): _____

Alguma vez assistiu a alguma cena de violência entre os seus pais (ou outras figuras cuidadoras)?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, era uma situação recorrente?

Sim ☐ Não ☐

Alguma vez foi vítima de algum tipo de violência por parte dos seus cuidadores?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, era uma situação recorrente?

Sim ☐ Não ☐

Tabela 8. Prevalência dos comportamentos fisicamente abusivos nas relações actuais dos inquiridos.

Comportamentos fisicamente abusivos	Perpetração (N=174)		Vitimização (N=174)	
	N	Percentagem (%)	N	Percentagem (%)
Dar bofetadas	13	7.4%	8	4.5%
Dar empurrões violentos	8	4.6%	7	4%
Atirar com objectos	6	3.4%	10	5.7%
Puxar cabelos	8	4.5%	5	2.8%
Dar murros	4	2.2%	4	2.2%
Ameaçar com armas ou usando a força física	3	1.7%	2	1.1%
Apertar o pescoço	2	1.1%	2	1.1%
Causar ferimentos que não necessitaram de assistência médica	1	0.6%	0	0%
Dar sovas	0	0%	0	0%
Forçar à prática de actos sexuais	2	1.1%	3	1.7%
Dar pontapés ou cabeçadas	6	3.4%	5	2.8%
Bater com a cabeça contra a parede ou chão	2	1.1%	1	0.6%
Causar ferimentos que requereram intervenção médica	1	0.6%	1	0.6%

Tabela 9. Prevalência dos comportamentos emocionalmente abusivos nas relações actuais dos inquiridos.

Comportamentos emocionalmente abusivos	Perpetração (N=174)		Vitimização (N=174)	
	N	Percentagem (%)	N	Percentagem (%)
Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir o parceiro	18	10.3%	22	12.7%
Gritar ou ameaçar para meter medo	13	7.4%	10	5.7%
Partir coisas ou deitar comida ao chão para meter medo	5	2.9%	7	4%
Impedir o contacto com outras pessoas	8	4.6%	10	5.8%
Ficar com o salário da outra pessoa ou colocá-la em situação de privação económica	1	0.6%	1	0.6%
Acordar o(a) parceiro(a) a meio da noite para meter medo	6	3.4%	3	1.7%
Perseguir na rua, na escola ou no local de trabalho	2	1.1%	2	1.1%

Tabela 10. Prevalência dos comportamentos fisicamente abusivos nas relações anteriores dos inquiridos.

Comportamentos fisicamente abusivos	Perpetração (N=314)		Vitimização (N=314)	
	N	Percentagem (%)	N	Percentagem (%)
Dar bofetadas	24	7.7%	23	7%
Dar empurrões violentos	11	3.5%	17	5.4%
Atirar com objectos	11	3.5%	15	4.8%
Puxar cabelos	10	3.2%	12	3.8%
Dar murros	8	2.5%	7	2.3%
Ameaçar com armas ou usando a força física	4	1.3%	5	2.6%
Apertar o pescoço	9	2.8%	12	3.8%
Causar ferimentos que não necessitaram de assistência médica	3	1%	7	2.2%
Dar sovas	3	1%	5	1.6%
Forçar à prática de actos sexuais	3	1%	6	1.9%
Dar pontapés ou cabeçadas	6	1.9%	12	3.9%
Bater com a cabeça contra a parede ou chão	5	1.6%	7	2.2%
Causar ferimentos que requereram intervenção médica	4	1.3 %	4	1.3%

Tabela 11. Prevalência dos comportamentos emocionalmente abusivos nas relações anteriores dos inquiridos.

Comportamentos emocionalmente abusivos	Perpetração (N=314)		Vitimização (N=314)	
	N	Percentagem (%)	N	Percentagem (%)
Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir o parceiro	41	13.1%	54	17.2%
Gritar ou ameaçar para meter medo	12	3.8%	22	7%
Partir coisas ou deitar comida ao chão para meter medo	11	3.5%	16	5.1%
Impedir o contacto com outras pessoas	12	3.8%	26	8.3%
Ficar com o salário da outra pessoa ou colocá-la em situação de privação económica	3	1%	3	1%
Acordar o(a) parceiro(a) a meio da noite para meter medo	5	1.6%	8	2.5%
Perseguir na rua, na escola ou no local de trabalho	5	1.6%	13	4.1%

Tabela 29. Relação entre as escalas de Perpetração, Vitimização, Personalidade e Vinculação

	Perpetração	Vitimização	Extroversão	Agradabilidade	Conscienciosidade
Perpetração	1.000				
Vitimização	.690**	1.000			
Extroversão	.064	.049	1.000		
Agradabilidade	-.026	.037	.296**	1.000	
Conscienciosidade	-.227**	-.044	.171**	.296**	1.000
Estabilidade Emocional	-.140*	-.124*	.078	-.109	.048
Intelecto-Sofisticação	.048	.086	.273**	.342**	.399**
Confiança e Proximidade Afectiva	-.035	-.026	.163**	.233**	.310**
Aceitação Mútua e Compreensão	-.194**	-.164**	.148**	.265**	.383**
Afastamento e Rejeição	.164**	.154**	-.156**	-.150**	-.311**
Escala Total	-.123*	-.107	.180**	.248**	.374**

Tabela 29 (continuação). Relação entre as escalas de Perpetração, Vitimização, Personalidade e Vinculação.

	Estabilidade Emocional	Intelecto-Sofisticação	Confiança e Proximidade Afectiva	Aceitação Mútua e Compreensão	Afastamento e Rejeição	Escala Total
Perpetração						
Vitimização						
Extroversão						
Agradabilidade						
Conscienciosidade						
Estabilidade Emocional	1.000					
Intelecto-Sofisticação	-.083	1.000				
Confiança e Proximidade Afectiva	.116*	.089	1.000			
Aceitação Mútua e Compreensão	.244**	.142*	.668**	1.000		
Afastamento e Rejeição	-.198**	-.012	-.585**	-.652**	1.000	
Escala Total	.192**	.091	.923**	.846**	-.817	1.000